

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS – PPGICH

JOSEANI REINHEIMER

**VOZES AMAZÔNIDAS: A EXPERIÊNCIA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA
COMUNICAÇÃO DA REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA**

TEFÉ/AM

2022

JOSEANI REINHEIMER

VOZES AMAZÔNIDAS: A EXPERIÊNCIA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA
COMUNICAÇÃO DA REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientadora: Prof. Dr. Guilherme Gitahy Figueiredo

TEFÉ/AM

2022

**VOZES AMAZÔNIDAS: A EXPERIÊNCIA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA
COMUNICAÇÃO DA REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Linha de Pesquisa: Capital imaterial: produção e circulação de saberes, do curso de Mestrado da Universidade do Estado do Amazonas, PPGICH/UEA, para obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo

TEFÉ/AM

2022

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)"

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R371vv Reinheimer, Joseani
Vozes amazônidas: a experiência de democratização da
comunicação da Rede de Notícias da Amazônia / Joseani
Reinheimer. Manaus : [s.n], 2022.
87 f.: color.; 31 cm.

Dissertação - PGSS - Mestrado Interdisciplinar em
Ciências Humanas (Mestrado) - Universidade do Estado
do Amazonas, Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador: Guilherme Gitahy Figueiredo

1. RNA. 2. Comunicação. 3. Democratização. 4.
Rádio. 5. Amazônia. I. Guilherme Gitahy Figueiredo
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III.
Vozes amazônidas: a experiência de democratização da
comunicação da Rede de Notícias da Amazônia

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

**VOZES AMAZÔNIDAS: A EXPERIÊNCIA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA
COMUNICAÇÃO DA REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA**

Joseani Reinheimer

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Linha de Pesquisa: Capital imaterial: produção e circulação de saberes, do curso de Mestrado da Universidade do Estado do Amazonas, PPGICH/UEA, para obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Defesa em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Guilherme Gitahy de Figueiredo – UEA/PPGICH
Orientador

Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira – UEA/PPGICH
Examinador interno

Profa. Dra. Antonia Costa da Silva – UFRR/Curso de Jornalismo
Examinadora externa

Prof.^a. Dra. Ana Claudeise Silva do Nascimento (PPGICH/UEA)
Suplente

Prof.^a. Dra. Maria Inês Amarante (UNILA)
Suplente

TEFÉ/AM

2022

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que nunca me deixaram desistir, nem mesmo quando precisaram me acompanhar à escola para que não fugisse e voltasse para casa. Vocês sempre acreditaram incondicionalmente na minha capacidade e me deram o apoio necessário para chegar até aqui. Fátima e Lidovino Reinheimer, vocês são a minha razão de existir!

AGRADECIMENTOS

Dizer obrigada às vezes não é suficiente para agradecer todo apoio e incentivo recebido em momentos tão importantes quanto esse de escrita e defesa de uma Dissertação de Mestrado, mas é a forma de reconhecimento que encontramos para dizer que todos que nos acompanharam nessa jornada foram importantes e necessários para a conclusão desta etapa. Deixo aqui meu muito obrigada:

Ao meu esposo, Joane Souza de Oliveira, que esteve comigo em todas as etapas, desde a decisão de participar do processo seletivo, passando pelas longas horas estudo até a privação de sono durante a redação final.

Aos meus pais Fátima e Lidovino Reinheimer, vocês não apenas me apoiaram, vocês me deram forças para continuar e entenderam a ausência nesses dois anos.

Ao Professor e Orientador Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo que estendeu a mão durante todo o processo formativo, de pesquisa e escrita.

Agradeço a todos os professores que dividiram conosco seus conhecimentos, especialmente à Cristiane da Silveira, Marília de Jesus da Silva e Sousa, Yomarley Lopes Holanda, Veronica Prudente Costa, Cátia Monteiro Wankler, Edilza Laray de Jesus e Eneila Almeida dos Santos.

Ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), à equipe administrativa e demais professores.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), que financiou o projeto e permitiu que me dedicasse exclusivamente à pesquisa.

A Banca de Qualificação e Defesa, Profa. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira e Profa. Dra. Antonia Costa da Silva, que aceitou a missão de analisar e avaliar o trabalho desenvolvido apontando caminhos e sugerindo adequações pertinentes ao trabalho.

A Rede de Notícias da Amazônia que comunica e integra a Amazônia pelo rádio na pessoa do presidente Pe. Edilberto Sem.

A Joelma Viana dos Santos que gentilmente permitiu que sua entrevista e história de vida concedidas à Guilherme Gitahy de Figueiredo no Projeto

Tecendo Redes Interculturais nas Amazônias fosse utilizada para elaboração e concepção desta dissertação.

E, finalmente, a todas as amigadas que o PPGICH permitiu que surgissem e se fortalecessem apesar do distanciamento social necessário devido a pandemia do Covid19: Betânia de Assis Reis Matta e Elcione Sousa da Silva Cordeiro (PPGICH - Turma de 2019) e Patricia Torme de Oliveira (PPGICH - Turma de 2018). E aos colegas da turma de 2020, que apesar de uma única semana de aula presencial, traçamos um excelente percurso até a conquista do grau de mestre: André Souza de Oliveira, Grace Kelly Pereira de Lima, Lorraine Sabrina Monteiro Lima, Marcilene Queiroz Cabral Santos, Welner Fernandes Campelo e Willian Rodrigues Carvalho.

Resumo

A Democratização da Comunicação é um tema em constante discussão, já que no Brasil grandes empresas de comunicação possuem mais de uma emissora de televisão e mais de uma emissora de rádio. A Rede de Notícias da Amazônia surge em 2008 com o objetivo de dar espaço para os lutas sociais poderem ecoar suas vozes, atualmente possui 20 emissoras associadas localizadas em sete estados abarcados pela Amazônia Legal. Produz dois programas de rádio sendo um jornal e uma rádio revista. Entre os objetivos da RNA estão o de democratizar a comunicação, respeitando o meio ambiente e valorizando o povo e a cultura local. Este trabalho visa analisar como se dá esse processo de democratização da comunicação e como isso reflete nos programas produzidos pela RNA.

Palavras chave: RNA. Rádio. Comunicação. Democratização. Amazônia

ABSTRACT

Democratization of Communication is a topic under constant discussion, since in Brazil large communication companies own more than one television station and more than one radio station. The Amazon News Network was created in 2008 with the objective of giving space for the social struggles to echo their voices, and currently has 20 associated stations located in seven states within the Legal Amazon. It produces two radio programs, a newspaper and a radio magazine. Among RNA's objectives are to democratize communication, respecting the environment and valuing the people and the local culture. This paper aims to analyze how this process of democratization of communication happens and how it reflects in the programs produced by RNA.

Key words: RNA. Radio. Communication. Democratization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Participantes de uma das reuniões realizadas para formação e capacitação dos comunicadores que integram a RNA.....	21
Figura 02: Primeira logo marca da RNA	23
Figura 03 - Equipe de comunicadores da RNA em formação em Manaus (AM) em 2013.	30
Figura 04. Logo atual da Rede de Notícias da Amazônia.	31
Figura 05: Quadro ilustrativo da Comunicação dominadora e da comunicação democrática	40
Figura 06: Joelma Viana, nos estúdios da RNA em Santarém (PA)	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEST – Centro de Estudos Superiores de Tefé;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

PPGICH - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas;

RNA - Rede de Notícias da Amazônia;

RCR - Rede Católica de Rádios

ALER - Associação Latino Americana de Educação e Comunicação Popular

MEB - Movimento de Educação de Base

REPAM - Rede Eclesial Pan Amazônica,

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

CIR - Conselho Indígena de Roraima

LISTA DE TABELAS

Tabela1 - Emissoras associadas da RNA	25
Tabela 02: Análise do Programa Jornal Amazônia é Notícia.....	62
Tabela 03: Análise do Programa educativo Caminhos da Amazônia.....	69
Tabela 04: Análise do Podcast Sinergia Popular, Moradia é direito, despejo não!.....	76

SUMÁRIO

Introdução.....	14
1. Rede de Notícias da Amazônia – um espaço de democratização da comunicação?	19
1.1 “A Amazônia falar para a Amazonia”	21
1.2 Estrutura e programação da RNA	26
1.3 Propósitos e objetivos da Rede de Notícias da Amazônia	27
1.4 Encontros e formações	29
1.5 Democratizar a comunicação, um caminho contra a exotização?	31
2. Joelma Viana dos Santos e Rede de Notícias da Amazônia: histórias que se encontram.....	42
3 – Rede de Notícias da Amazônia e seus produtos radiofônicos	57
3.1 Jornal Amazônia é Notícia	61
3.2 Programa educativo Caminhos da Amazônia	68
3.3 Podcasts e outras produções	74
3.4 Desafios da RNA	78
Considerações Finais.....	81
Referências	84

INTRODUÇÃO

No ano 2000 recebi o convite para participar do Grupo de Jovens da comunidade que frequentava. O convite era inesperado pois o grupo era restrito para jovens mais velhos, e eu ainda entrava na adolescência, sem contar que ficava só em casa pois há pouco havia me despedido de meu avô e sentia muita tristeza com sua partida. Aceitei o convite e não imaginava que aquele momento, em que amigos estenderam a mão para me livrar da depressão, também seriam os responsáveis por me colocar nos trilhos da comunicação e do amor pelo rádio.

Através da Pastoral da Juventude, movimento de Jovens da Igreja católica, passei a colaborar com o programa Sintonia Jovem transmitido todos os sábados, às 18 horas na Rádio Independência na cidade de Medianeira (PR), entre minhas funções estava a elaboração da Paula, entrevistas, apresentação e sonoplastia do programa. Aos Domingos sempre que necessário acompanhava os outros colegas em outra emissora de rádio para apresentação de outro programa, nesse, porém, ia como convidada ou quando alguém faltava para cobrir a falta. E assim foi nascendo o carinho por este meio de comunicação o que me levou a cursar jornalismo em outro município, pois o aquário havia ficado pequeno.

Com aprovação no curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Estadual do Centro Oeste no Paraná, a comunicação se tornou minha casa e trabalhar se tornou um prazer. A experiência profissional me conduziu por diversos caminhos, televisão, jornais impressos, assessorias de imprensa, sites e é claro o rádio. O rádio me conquistou e logo digo que concordo com Luiz Artur Ferraretto quando ele diz que o rádio é um companheiro, pois está disponível 24 horas para te fazer companhia.

Com o ingresso no Pós-Graduação, tive a oportunidade de conhecer a Rede de Notícias da Amazônia (RNA) que é uma associação sem fins lucrativos com sede em Santarém – PA, que conta com 20 emissoras de rádio associadas oriundas de sete estados amazônicos, e visa a democratização da notícia respeitando a pluralidade e particularidade dos povos. A RNA produz atualmente dois programas radiofônicos em parceria com as emissoras associadas: o Jornal Amazônia é Notícia e o programa de educação ambiental Caminhos da

Amazônia. Os dois são distribuídos para as emissoras associadas, veiculados pela Rede Católica de Rádios (RCR) e pela Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular (ALER) que envia via satélite para toda a América Latina (SANTOS, p. 14, 2019).

A RNA busca contrapor em suas produções o discurso hegemônico presente nas grandes mídias do país, que geralmente retratam a Amazônia com uniformidade, não respeitando a diversidade de biomas, dos povos e suas culturas. Os programas veiculados por emissoras nacionais, repetem o discurso colonialista, de dominação e assistência. Basta uma rápida pesquisa por um buscador de internet para ver que as notícias que retratam a Amazônia tratam de política, meio ambiente (proteção ou destruição) e povos indígenas. No rádio não é diferente, pois muitas emissoras reproduzem os conteúdos da internet e jornais impressos, sem uma produção específica para o meio.

Joelma Viana dos Santos, Gestora da RNA afirmou durante entrevista que a RNA surge da necessidade de evidenciar a voz dos lutadores sociais e mostrar que a Amazônia não é única, que ela possui particularidades em cada região e que precisam ser conhecidas e reconhecidas, essas particularidades são inerentes ao meio ambiente e aos povos que habitam a Amazônia Legal (Entrevista Joelma Viana dos Santos: História de vida, agosto 2018).

Com base nisso, o projeto inicial foi adaptado algumas vezes após o início da pesquisa e hoje concluiu a pesquisa evidenciando a Rede de Notícias da Amazônia como um espaço de democratização da mídia, que busca através da visibilidade dos lutadores sociais, vencer os estereótipos que continuam sendo veiculados pela mídia hegemônica.

Para buscar resposta(s) a essa questão, optou-se pesquisa qualitativa e a partir dela pela etnografia dialógica e história oral enquanto metodologia e utilizando como técnicas de coleta história de vida e entrevistas. Como colaboradora da pesquisa foi escolhida Joelma Viana dos Santos, gestora da RNA desde a sua formação e como ficará claro mais adiante, com uma história que por vezes se funde com a da própria Rede de Notícias. Serão analisadas histórias de vida e entrevista disponíveis em arquivo pessoal do pesquisador Guilherme Gitahy de Figueiredo coletadas em 2019 para o Projeto Tecendo Redes Interculturais nas Amazônias.

Quando se opta em trabalhar com histórias de vida, opta-se por trabalhar com a memória das participantes, que irão relatar sua história a partir do que elas consideram importantes e como isso marca suas vidas. A possibilidade de estudar o relato de vida e a entrevista mutuamente ocorre com a perspectiva que a que a memória se adequa ao que vivemos depois antes de depois dos fatos, ela não é estática, mas sim maleável e com possibilidade de ser revisitada e revista de diferentes pontos de vista. Bosi (1994, p.55) explica que a nossa memória se alterna, não com relação ao fato ocorrido, mas a compreensão que se tem dele e o enfoque que temos a partir de vivências mudam.

Diante dessa perspectiva, o primeiro capítulo traz um descrever teórico e histórico sobre a Rede de Notícias da Amazônia e a Democratização da comunicação. O interesse em estudar a democratização da comunicação e como e se ela ocorre na Rede de Notícias da Amazônia surge a partir do discurso de Joelma Viana Dos Santos e do Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia que deixam claro que a instituição busca ser um espaço que propague a voz dos lutadores sociais que vivem nas diferentes Amazonas, que apesar de estarem ligados por um região conhecida como Amazônia Legal constituem culturas e biomas diversos e que isso muda a forma de ver e viver sua região natural.

O segundo capítulo irá apresentar e discutir como a história de vida de Joelma Viana dos Santos se funde a da RNA, sendo muitas vezes difícil de separar o que acredita a Joelma Viana dos Santos e a Joelma Viana como é conhecida no rádio. Ela exemplifica a importância de se estar no local onde a reportagem acontece e como a vivência do comunicador é importante para que se relate exatamente aquilo que ocorre. Para ela, uma reportagem feita de longe, apenas ouvindo relatos, sem conhecer a realidade, ou o que realmente será bem-feita e facilmente não representará a realidade, ou seja, o risco de apresentar algo que não condiz com a realidade é muito grande. Para isso será utilizada como metodologia a história oral, com base nas histórias de vida coletadas em 2019. Realizar a análise de história de vida concomitante com a entrevista direcionada, serve ao propósito de considerar a memória é “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (STERN, apud BOSI, 1994, p. 68).

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado a hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN, apud BOSI, 1994, p. 68).

Para analisar as falas de Joelma e suas lembranças vamos utilizar antropologia dialógica que considera o interlocutor como um participante ativo da pesquisa, devendo o pesquisador diminuir a distância e se aproximar do seu interlocutor.

O diálogo etnográfico, para ser possível, exige do pesquisador a participação no tempo dos sujeitos da pesquisa: deve ver a si mesmo como contemporâneo dos seus interlocutores, e não o representante de uma categoria humana supostamente 'mais evoluída' (FIGUEIREDO, 2020, p. 27).

Para compreender melhor essa relação em que o interlocutor é um ser ativo na pesquisa, buscamos apoio no que diz Paulo Freire:

Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a nossa e a sua. Temos que estar convencidos de que a sua visão do mundo, que manifesta várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui (FREIRE, 2020, p. 120).

A dialogicidade, permite que tanto interlocutor quanto pesquisador estejam em um mesmo nível de troca e recepção de informação e aquilo que ele vivência e relata também integram a situação do mundo e como ele se constitui.

É preciso, portanto, que a produção do texto etnográfico seja não apenas fruto do diálogo com sujeitos da pesquisa, mas seja ela mesma realizada de um modo dialógico, retirando assim o peso da literatura científica. Como mostra Bazin (2008), este diálogo precisa aproximar e não distanciar o pesquisador dos sujeitos de sua pesquisa (FIGUEIREDO, 2020, p. 74).

No terceiro capítulo vamos mergulhar nas produções da RNA, compreender como são elaboradas, se seguem um padrão de radiojornalismo e compreender se a sua proposta de ser um espaço de democratização da mídia

está sendo cumprido. Para isso serão decupados e analisados três produtos e diferentes edições destes produtos radiofônicos.

O primeiro será o Programa Jornal Amazônia é Notícia, do gênero jornalístico e que é produzido de segunda a sexta-feira e disponibilizado no site da RNA e enviado às 20 emissoras associadas que o retransmitem em suas programações. O jornal também é elaborado a partir das matérias enviadas pelas emissoras associadas. O segundo produto será o Programa Caminhos da Amazônia, do gênero educativo, que traz principalmente informações sobre o meio ambiente e ações que o afetam diretamente ou indiretamente. Veiculado aos sábados, é produzido a partir da cabeça de rede em Santarém (PA), com participação das Emissoras Associadas e também disponibilizado no site da Rede de Notícias da Amazônia e enviado para suas associadas. O terceiro produto que será analisado é o Podcast “Ação Sinergia Popular”, que coloca em evidência o direito de moradia digna para todos. Assim como o “Ação Sinergia Popular”, a RNA constantemente realiza a produção de podcasts e séries de reportagens que evidencia temas abordados em campanhas de seus parceiros e entidades que tem alguma ligação com a instituição.

A análise desses programas terá o intuito de verificar se o objetivo democratizar a comunicação no meio radiofônico está sendo alcançado, como ele se desenvolve e quais há ou não participação dos lutadores sociais em cada um dos programas.

1. REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA – UM ESPAÇO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO?

“O rádio é, por definição, um meio dinâmico. Está presente lá onde a notícia acontece, transmitindo-a em tempo real para o ouvinte. Também aparece ali, onde se faz necessária uma canção para espalhar ou enlevar. E chega acolá, naquele cantinho humilde a carecer de uma palavra de apoio, de conforto ou, quem sabe, de indignação”.

(Luiz Artur Ferraretto)

O rádio é considerado companheiro, amigo, fonte de informação e é um meio de comunicação que facilmente pode ser acessado. Apesar do receio da chegada da internet e novas tecnologias, ele não perdeu seu magnetismo e continua sendo um importante meio de comunicação. Hoje, pode ser acessado pelo conhecido e velho amigo rádio a pilha, pelos aparelhos modernos conectados na eletricidade, pelos aparelhos de televisão e até mesmo pelo celular. Ele está presente nas residências, no trabalho, no carro e em outros locais que se deseje companhia, ou ouvir músicas e as notícias do dia.

Na Amazônia o rádio foi um importante meio de comunicação e passou a conectar pessoas e cidades. Segundo Schwamborn (2018, p.49), antes do rádio, as conexões do interior eram feitas por barcos, chamados de regatão, eles além de levar cartas eram o contato com o mundo exterior. O Rádio, chegou e mudou essa realidade. Hoje, mesmo em lugares distantes que ainda não possuem energia elétrica¹ e acesso à internet o rádio continua sendo um bom

¹ Na região amazônica, para muitas comunidades ribeirinhas, localizadas distantes das cidades, a falta de energia elétrica fornecida pelas companhias de distribuição ainda é uma realidade e muitas dependem de formas alternativas como geradores, energia renováveis como solas e outras, mas é comum que famílias vivam sem esse recurso, sendo a instalação e manutenção das alternativas viáveis são muito onerosas financeiramente e logo, não conseguem ser acessadas ou mantidas com frequência. Um levantamento realizado com ribeirinhos residentes no município de Coari (AM) na região do Médio Solimões no Amazonas, publicado em 2018, revelou que 75% das comunidades ribeirinhas daquele município não possuem energia elétrica fornecida através de rede de distribuição (GAMA, Abel Santiago Muri. FERNANDES, Tiótrefis Gomes, PARENTE, Rosana Cristina Pereira. SECOLI, Silvia Regina. Inquérito de saúde em comunidades ribeirinhas do Amazonas, Brasil. Caderno de Saúde Pública, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/nWyTKM4WRV5Gxr4pSVT4Mnp/?lang=pt>. Acesso em 15 jan 2022.

companheiro, ele se adaptou às novas tecnologias, oportunizando novos formatos e formas para ser ouvido.

No interior, o rádio além do meio de comunicação que transmite as notícias da cidade e toca músicas para animar o dia dos ouvintes também é um meio de comunicação entre famílias e amigos. Programas que transmitem recados pessoais ainda existem, por exemplo na cidade de Tefé / Amazonas, o programa “Avisos para o Interior”, veiculado de segunda a sexta-feira, entrega recados para aquelas pessoas que não possuem outra forma de comunicação. Geralmente são recados pessoais, informando que alguém está doente, ou que irá visitar os familiares, ou sobre encomendas e assuntos do gênero.

Nesse contexto, as emissoras de rádio estão espalhadas por toda a região Amazônica, e assim como empresas de televisão, que mesmo quando são locais, acabam retransmitindo informações e opiniões produzidas nos grandes centros urbanos da região sudeste e sul pelos grandes conglomerados comunicacionais, que produzem conteúdo sem levar em conta as peculiaridades de cada região e populações que ali habitam.

Já em 2004 se falava em redes de TV e de emissoras genuínas da região, mas os troncos e as geradoras, tanto de rádio como de televisão, ainda vinham de fora, com pontos de vista e ideologias externos. Assim, as informações sobre a Amazônia eram filtradas de acordo com os interesses dos meios de comunicação ou, muitas vezes, a serviço de terceiros. Mesmo na atualidade, jornalistas estrangeiros que buscam informações sobre a riqueza ou problemas ambientais, não raras vezes disseminam informações que se perpetuam de forma errônea (SILVA, 2015, p.70).

Desta maneira, uma iniciativa oriunda na Rádio Rural de Santarém, de unir em rede as emissoras localizadas na Amazônia Legal e assim democratizar o acesso a comunicação radiofônica começa a tomar forma. Dessa iniciativa nasce a Rede de Notícias da Amazônia (RNA) que é o objeto de estudo deste trabalho, que é embasado na pesquisa bibliográfica, na história oral e na antropologia dialógica.

1.1 “A AMAZÔNIA FALAR PARA A AMAZONIA”



Figura 01 - Participantes de uma das reuniões realizadas para formação e capacitação dos comunicadores que integram a RNA. (Fonte: Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia).

A “Amazônia falar para a Amazônia”, esta é a frase utilizada pelo presidente da RNA, Padre Edilberto Sena, para definir a Rede de Notícias da Amazônia (RNA)², associação sem fins lucrativos que começou a se formar a partir de 2003 e reúne emissoras de rádio de quase todos os estados brasileiros abarcados pela Amazônia Legal.

Em um vídeo veiculado no Youtube o Padre Edilberto Sena, que no momento da fundação da RNA era o diretor da Rádio Rural de Santarém (PA), explicou que o interesse de uma Associação como a RNA surgiu a partir da vontade de conectar a extensa região amazônica, para que uma possa ouvir o que a outra está veiculando.

A preocupação de que essa extensa região que é a Amazônia e que as emissoras de rádio estão isoladas cá e lá, nós

² SENA, Edilberto. Rede de Notícias da Amazônia -- com Pe. Edilberto Sena, presidente da RNA. Canal do Youtube: Rede Católica de Rádio. 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wqcw1OFTanw>, acesso em 22 dez 2021.

pensávamos, é importante nós juntarmos formar uma cadeia, uma rede [...]. De tal forma que Roraima ouça o que está acontecendo no Acre, o Acre ouça o que está acontecendo em Santarém, em Santarém ouça o que está acontecendo em Belém etc. Dessa forma nós vamos dar importância aos lutadores populares que tem o seu enfrentamento diante das questões da Amazônia. As questões de direitos humanos, defesa do meio ambiente, valores culturais, da nossa região. É fazer o povo Amazônico sentir o seu próprio povo falando.

Assim nasceu a RNA, a partir do desejo de unir em rede várias emissoras radiofônicas localizadas na Amazônia Legal. Apesar de sua fundação datar de 2007, a iniciativa para sua formação começou em 2003/2004 quando se percebeu que havia muitas emissoras de rádio que comunicavam isoladamente para seu público, mas que o conteúdo seria de interesse de toda a região amazônica. Importante destacar que muitas emissoras instaladas nessa região são administradas ou possuem algum tipo de ligação com a Igreja Católica, desta forma, as primeiras a aderirem a esse movimento de união para formação da associação possuíam algum tipo de conexão através do Movimento de Educação de Base – MEB³ (SANTOS, 2019, p. 11).

No ano de 2004, foi realizado o primeiro seminário que trataria da construção dessa rede de comunicação. Segundo informações do Manual de Produção da RNA, estiveram presentes nesse encontro representantes de sete emissoras, sendo elas: Rio Mar Manaus/AM, Educadora – Tefé/AM, Educadora – Coari/AM, Rádio Guajará-Mirim – Guajará-Mirim/RO, Rural Santarém/PA, Rádio Nazaré – Belém/PA e Rádio Comunitária Santo Antônio – Borba/AM. Neste encontro discutiu-se a possibilidade da elaboração dessa rede de comunicação radiofônica, bem como definiu-se o nome: “Rede de Notícias da Amazônia – RNA” (SANTOS, 2019, p. 11).

³ Movimento de Educação de Base – “O MEB foi criado em 1961, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para desenvolver um programa de educação de base por meio de escolas radiofônicas. Sua criação foi prestigiada pela Presidência da República e sua execução apoiada por vários ministérios e órgãos federais e estaduais, mediante financiamento e cessão de funcionários. Foi prevista também importante colaboração do Ministério de Viação e Obras Públicas, responsável pela concessão dos canais de radiodifusão, visando agilizar os processos de criação e ampliação de emissoras católicas” (FÁVERO, Osmar. MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE – MEB. Grupo de estudos sobre política educacional e trabalho docente – Gestrado/UFG. Disponível em <https://gestrado.net.br/verbetes/movimento-de-educacao-de-base--meb/>. Acesso: 10 jan 2022).

Com apoio do consultor de comunicação das Dioceses da Alemanha, Christoph Dietz, foi possível estabelecer, em 2005, contato com a Associação Latino-Americana de Educação e Comunicação Popular – ALER, participando então de uma assembleia onde foi apresentado o projeto da RNA. O projeto recebia então o reconhecimento da instituição e um espaço gratuito para transmissão dos programas que fossem produzidos (SANTOS, 2019, p. 12). O apoio de Christoph Dietz, foi importante para que novos seminários, oficinas e atividades de formação fossem realizados em Santarém (PA), Belém (PA) e Manaus (AM) (SANTOS, 2019, p. 12).

A RNA teve seu estatuto e logomarca definidos em um encontro que ocorreu em julho de 2007, que reuniu representantes das emissoras Rádio Nazaré de Belém (PA), Rádio Rural de Santarém (PA), Rádio FM Monte Roraima de Boa Vista (RR), Rádio Rio Mar de Manaus (AM) e Rádio Alvorada de Parintins (AM) (SANTOS, 2019, p. 12). Esse encontro se deu devido ao Mutirão Brasileiro de Comunicação, que ocorre de dois em dois anos e é organizado pelo setor de Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (CORAZZA, 2021).



Figura 2: Primeira logo marca da RNA. Fonte Facebook.

A Rede Intercultural Amazônica de Rádios (RIAR), projeto Pan-Amazônico que se espelhava na RNA se tornou prioridade para a ALER, desta forma a RNA deveria ter uma estrutura bem definida com uma gestão específica e um coordenador, para que pudesse ser exemplo. Foi neste momento que

Joelma Viana dos Santos foi contratada como gestora da RNA (SANTOS, 2019, p. 13). Foi também nesse momento que se definiu o formato dos programas que seriam produzidos, foi estabelecido que haveria um programa jornalístico, com 15 minutos de duração que seria veiculado em três estados: Amazonas, Pará e Roraima, estados estes que onde estavam localizadas as emissoras de rádio associadas (SANTOS, 2019, p. 13).

Com a adesão de novas emissoras em 2009, se juntaram a RNA a Rádio Verdes Florestas de Cruzeiro do Sul (AC), Rádio FM Castanho do Careiro Castanho (AM) e Nazaré FM de Belém (PA), a RNA passou ao jornal ganhou mais tempo, aumentando de para 30 minutos. Em 2010 mais emissoras se associaram: a Rádio Comunitária Novo Milênio de São Gabriel da Cachoeira (AM), a Rádio Educadora de Tefé (AM) e Rádio Educadora de Guajará-Mirim (RO) (SANTOS, 2019, p. 14). Em 2011 foi a vez das emissoras Boa Notícia de Balsas (MA) e Rádio Conceição de Abaetetuba (PA) (SANTOS, 2019, p. 14).

Em 2010 a RNA lançou mais um programa radiofônico, o Caminhos da Amazônia. Este programa tem como área temática a “Educação Ambiental” e cada semana uma emissora associada é a responsável por sua produção, sendo veiculado todos os sábados. (SANTOS, 2019, p. 14).

Hoje a RNA possui 20 emissoras associadas, distribuídas em sete estados da Amazônia Legal⁴, que são Pará, Amapá, Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre e Maranhão. Um dos objetivos é cobrir também os Estados do Mato Grosso e Tocantins, para os quais já existem contatos com algumas emissoras para novas associações.

As emissoras associadas e sua localização podem ser conferidas na tabela abaixo.

⁴ “A Amazônia Legal foi instituída pela Lei 1.806, de 06/01/1953, com o objetivo de definir a delimitação geopolítica com fins de aplicação de políticas de soberania territorial e econômica para a promoção de seu desenvolvimento. Os limites da Amazônia Legal foram se estendendo em função da área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Hoje, ela ocupa 5.015.067,749 km², correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro (8.510.295,914 km²) em conformidade com a recente divulgação da malha municipal” (IBGE, 2020). Segundo o IBGE, 772 municípios integram a Amazônia Legal nos nove estados que compõem a Amazônia Legal.

Emissora	Cidade	Estado
Rádio FM Verdes Florestas	Cruzeiro do Sul	Acre
Rádio São José FM	Macapá	Amapá
Rádio Rio Mar FM	Manaus	Amazonas
Rádio Alvorada AM e FM	Parintins	Amazonas
Rádio Castanho FM	Careiro Castanho	Amazonas
Rádio Educação Rural	Tefé	Amazonas
Rádio Educativa FM Boa Notícia	Balsas	Maranhão
Rádio Educadora	São Luís	Maranhão
Fundação Educadora de Comunicação Rádio AM e FM	Bragança	Pará
Rádio Rural	Santarém	Pará
Rádio Conceição	Abaetetuba	Pará
Rádio Nazaré FM	Belém	Pará
Rádio São Francisco FM	Muaná	Pará
Rádio São João FM	Currálinho	Pará
Rádio Magnificat FM	São Sebastião da Boa Vista	Pará
Rádio Itaguary FM	Ponta de Pedras	Pará
Rádio Comunitária Santana	Óbidos	Pará
Rádio FM Monte Roraima	Boa Vista	Roraima
Rádio Educadora FM	Guajará Mirim	Rondônia
Rádio Caiari FM	Porto Velho	Rondônia

Tabela1 - Emissoras associadas da RNA

Atualmente a RNA, além de enviar seus programas para as associadas também disponibiliza em seu site na internet <http://redenoticiasdamazonia.com.br/home> e possui parcerias com a “Rede Pan Amazônica da ALER, Rede Eclesial Pan Amazônica (REPAM), Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Organização Não Governamental Justiça nos Trilhos, Conselho Indígena de Roraima (CIR) e Rede Católica de Rádios – RCR” (SANTOS, 2019, p. 14).

1.2 ESTRUTURA E PROGRAMAÇÃO DA RNA

Antes de dar sequência é importante compreender o funcionamento da RNA e qual sua estrutura. Como informado anteriormente atualmente a RNA é formada por 20 emissoras associadas que contribuem para sua manutenção. Sendo uma associação sem fins lucrativos, os valores arrecadados são destinados para a sua manutenção e formação da equipe. Mas quem são os associados?

São associados à RNA pessoas físicas e jurídicas fundadoras e aqueles admitidos no quadro social, segundo o Estatuto da entidade. Segundo o artigo 5º da seção I, os associados serão admitidos mediante proposta de sua iniciativa, encaminhada à deliberação do Conselho Deliberativo da RNA. Em caso de recusa, o proponente pode encaminhar a solicitação à assembleia geral.

A sede da associação está localizada na Cidade de Santarém (PA), onde a equipe administrativa e de comunicação trabalha. A sede é chamada de “Cabeça de Rede” e é lá que são elaborados os produtos midiáticos finais que são distribuídos para as emissoras associadas. A RNA não é uma emissora de rádio, mas sim uma instituição que busca democratizar a comunicação na região Amazônica, produzindo em parceria com as emissoras associadas programas de rádio jornalísticos e/ou educativos que são transmitidos pela internet e pelas emissoras associadas e demais interessadas em veicular seus produtos.

Para compreender melhor o funcionamento da RNA, vamos conhecer um pouco mais sobre o funcionamento da instituição e seus propósitos e objetivos. Atualmente a são produzidos dois programas: o Jornal Amazônia é Notícia, o programa educativo Caminhos da Amazônia e outras produções avulsas como podcasts e reportagens especiais. Também são realizadas formações para as equipes que solicitam, ligadas ou não à Rede, essas formações muitas vezes são gratuitas. “A gente tem que devolver pros nossos interlocutores aquilo que a gente já recebeu um dia” (SANTOS, 2019).

1.3 PROPÓSITOS E OBJETIVOS DA REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA

A Rede de Notícias da Amazônia, como mencionado anteriormente surgiu com o objetivo da “Amazonia Falar para a Amazônia” (SENA, 2013), como uma forma de democratizar a comunicação nessa vasta região que ocupa 58,9% do território brasileiro⁵.

Enquanto o projeto da associação se desenvolvia e se fortalecia, o Padre Edilberto Sena visitou os bispos da Igreja Católica que eram os responsáveis pelas emissoras que fariam parte da proposta da RNA. Nessa visita ele explicava o propósito da Rede de Notícias de se tornar uma rede Amazônica (SILVA, 2015, P. 75).

As emissoras ligadas às dioceses e prelazias foram convidadas por serem mais independentes do poder político e econômico. Diretrizes, missão e objetivos foram pensados a partir de um compromisso com a ética, a cidadania e as culturas, enfatizando a participação dos protagonistas populares da Amazônia. Outras emissoras que desejassem entrar na RNA poderiam ser aceitas desde que aprovadas pela assembleia geral e que respeitassem os compromissos da RNA (SILVA, 2015, P. 75).

Dessa forma, a RNA tem a “missão de contribuir para uma sociedade mais humana e cristã, de uma Amazônia respeitada em seu ecossistema,

⁵ IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Amazônia Legal - O que é. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 15 dez 2021.

valorizando as culturas originária de seus povos e da sociedade civil” (SANTOS, 2019, p. 17). Os objetivos estão descritos no seu Manual de Produção e são:

Oferecer serviço diferenciado de contato entre os povos da Amazônia;
Produzir e disponibilizar notícias e programas educacionais, culturais, meio ambiente e gêneros;
Capacitar continuamente os profissionais e colaboradores das emissoras sócias;
Estimular a consciência crítica dos lutadores sociais a partir de uma comunicação democrática na Amazônia. (SANTOS, 2019, p. 17)

Ao se voltar para os lutadores sociais, a RNA busca aproximar aqueles que se distanciam apesar de viverem na mesma região. “A comunicação é essencial na contemporaneidade, mais ainda para agir em redes de informação. Assim, uma rede que tenha uma linha diretriz de acordo com a realidade da Amazônia, com valores éticos, se mostra essencial” (SILVA, 2015, p. 71).

A comunicação radiofônica em rede ocorre quando o mesmo conteúdo é transmitido para diversas emissoras. Um exemplo desse modelo é a Rádio CBN, que tem sua cabeça de rede localizada em São Paulo, a qual produz e encaminha materiais prontos para suas filiais. As emissoras menores ao aderirem a Rede CBN e seu modelo de comunicação diminuem custos e aumentam os lucros pois recebem prontas a programação do período e anunciantes. Mas, este, apesar de ser um modelo muito adotado, não é unanimidade entre os estudiosos do rádio.

O formato em rede recebe críticas por deixar a programação homogênea e não respeitar as diferenças culturais de cada região. Um exemplo corriqueiro pode ser dado a partir da jornalística CBN Belém, que começou a transmissão local no dia 19 de dezembro de 2008. No início havia apenas três horas de veiculação sobre os assuntos da região. Nos demais horários, retransmitia a programação da CBN São Paulo. Isso acabava por gerar distorções como ouvir as informações de serviço dirigidas a quem estava em São Paulo, como os informes sobre o trânsito ou a informação sobre a hora certa num período em que a região Sudeste se encontrava em horário de verão e a região Norte não. (CARVALHO; SOUZA, 2012)

Essas são alguns dos questionamentos levantados quando a comunicação em rede. Mas então no que a RNA se difere com relação às demais redes de comunicação? A diferença está justamente no que constituiu o seu motivo de existência que é de fazer com que as rádios da Amazônia possam se interligar e ouvir umas às outras, não impondo um modelo de comunicação, mas ampliando a voz daqueles produziam conteúdos próprios, fazendo com que esses conteúdos repercutam pelo restante da Amazônia.

Desta forma, nós vamos dar importância aos lutas populares que o seu enfrentamento diante das questões da Amazônia. As questões de direitos humanos, defesa do meio ambiente, valores culturais da nossa região. É fazer o povo amazônico sentir o seu próprio povo falando. [...] A intenção nossa era contrapor, as informações que chegam das redes do sul do Brasil e que vem filtradas, vem deturpadas, muitas vezes focalizando desgraças da Amazônia. Nós queremos focalizar também, os valores e as conquistas dos povos da Amazônia. (SENA, 2013)

O Presidente da RNA, faz outro apontamento importante e que precisa ser discutido e problematizado: a imagem que o restante do país estabeleceu sobre a região e continua a reproduzir. Esses estereótipos que foram criados e continuam sendo reproduzidos pelas grandes mídias.

1. 4 ENCONTROS E FORMAÇÕES



Figura 03: Equipe de comunicadores da RNA em formação em Manaus (AM) em 2013.
Fonte: Facebook Rede de Notícias da Amazônia.

A RNA durante seu funcionamento realizou diversos treinamentos para a equipe de comunicadores das emissoras associadas, porém não tanto quanto gostariam. Segundo Santos (2019) a dificuldade se dá devido a distância entre as emissoras e o alto custo que isso geraria, porém sempre que possível, identificam as principais dificuldades e proporcionam formações para sanar essas deficiências. O que é mais comum é irem até as emissoras e realizarem lá o treinamento. Quando uma emissora solicita, eles estudam as possibilidades e dentro do possível, agendam e se deslocam a fim de auxiliar a associada.

Anualmente ocorre um encontro entre os diretores das rádios, onde se realiza a avaliação do ano e planejamento do ano seguinte. Nesses encontros são debatidos assuntos que tenham ligação com a RNA, avalia-se as atividades realizadas durante o ano, os produtos midiáticos e também se realiza todo o planejamento de visitas, encontros, formações e demais atividades que envolvam a Rede para o ano seguinte.

1.5 DEMOCRATIZAR A COMUNICAÇÃO, UM CAMINHO CONTRA A EXOTIZAÇÃO?



Figura 04. Logo atual da Rede de Notícias da Amazônia Fonte: Facebook

Comunicar é transformar! A comunicação é algo inerente do ser humano, porém de tão comum se tornou automática. É através da comunicação que o homem se conecta com o mundo ao seu redor, com as pessoas de seu convívio e a sociedade que o cerca. A tecnologia e os meios de comunicação de massa ampliaram este campo de interação e a internet tornou o mundo acessível. Assim a comunicação se tornou um produto vendável e rentável que de maneira eficaz, segundo Kaplún (1985, p.12), manipulam seu público. A manipulação pode servir a diversos propósitos, podendo ser político, de dominação, econômicos, entretenimento, etc..

Kaplún acredita em uma comunicação diferente, uma comunicação popular, que esteja pautada em ações “libertadora, participativa, conscientizadora e problematizante”⁶ (KAPLÚM, p. 13, 1985). Para isso ele defende que se usem outros recursos e se tenha objetivos diferentes. A comunicação popular se aproxima muito do jornalismo comunitário que para Rafael Sobral e Marisol Silva (2005, p. 135) é o porta voz da comunidade, que coloca a comunidade em evidência e

é aquele que conspira, que caminha junto, não é uma entidade em função da comunidade. É a própria comunidade em forma de notícia, em forma de opinião, que se torna instrumento de transcendência, que dá visibilidade ao oprimido não como um

⁶ Tradução realizada pela autora.

marginal, mas como um indivíduo capaz de superar sua condição (SOBRAL e SILVA, 2005, p.135).

Essa definição de Jornalismo Comunitário está muito próxima ao que deseja a RNA, partindo do pressuposto que democratizar é permitir que se ocupe o espaço que fora sagrado e acessível apenas a pessoas específicas, que conseguiram o acesso por vias de interesses financeiros ou interesses pessoais. Democratizar é romper esses estereótipos e deixar o espaço para ser ocupado conforme a necessidade.

Ao buscar democratizar a comunicação a RNA também busca romper com essas identificações que foram criadas e continuam a ser reproduzidas ao longo tempo que denominam a região Amazônica como um espaço único ignorando suas peculiaridades. Planos de Governo priorizaram a ocupação ao invés do desenvolvimento para os povos da região, fomentaram a exploração ao justificarem a integração, ações mostram que “a região é notada como um almoxarifado, para prover com riquezas os abastados estados centrais do país, e fora dele” (ALMEIDA; SANTOS; SOUZA, 2018), e relegam o povo a estereótipos formados por discursos colonizadores.

É histórico: os planos de desenvolvimento têm consolidado a Amazônia como uma fonte exportadora de matérias primas, ou no máximo semielaborados e energia. Conforme os tratados de economia, um exportador de commodities. Em certa medida, nuances da geopolítica, baixo investimento em ciência e tecnologia e uma elite subalternizada aos interesses de grandes corporações do mercado mundial ajudam a explicar as complexidades de tal condição (ALMEIDA; SANTOS; SOUZA, 2018).

Os programas veiculados por emissoras nacionais, repetem o discurso colonialista, de dominação e assistência. Nos jornais tanto eletrônicos quanto físicos e televisivos retratam a Amazônia por óticas pré-concebidas sendo relegadas as notícias a praticamente os mesmos temas como política, meio ambiente (proteção ou destruição) e povos indígenas. No rádio não é diferente, muitas emissoras optam por reproduzir os conteúdos da internet e jornais impressos, sem uma produção específica para o meio. Outras vezes, como mencionado anteriormente, estão conectadas em rede com emissoras de

alcance nacional e reproduzem o conteúdo que recebem sem terem muita autonomia para produção local.

A escolha da notícia deve ser pautada no interesse público. Quando mais interessante for, mais chances tem de ser veiculada, porém o que é que vende mais? “A notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou conforma; no drama e na tragédia e não na comédia ou divertimento” (NOBLAT, p. 31, 2003). Dessa forma, além história da colonização brasileira perpetuar uma imagem preconcebida, há também o interesse de garantir maior interesse do público.

Essa visão é explicada por João Pacheco de Oliveira quando pergunta qual a imagem que os brasileiros têm sobre a Amazônia? Ao responder, explica que a concepção que temos sobre este território, apesar de estar entranhada em nosso consciente não foi por nós definida, mas é resultado de um processo de construção de gerações passadas, (OLIVEIRA, p. 162, 2016) objetivando o controle e dominação. Essa generalização de uma única Amazônia presente nas reportagens implica uma reprodução advinda ainda do período colonial brasileiro e que foi repassada pela história oficial. Apesar de estarem sendo adaptados aos poucos, os livros didáticos ainda apresentam a Amazônia apenas em períodos específicos, ocultando a maior parte da sua história.

Na visão de Oliveira, esse período de subjugo da Amazônia é ainda anterior ao período da anexação das províncias, para ele, o início se deu principalmente no século XIX, quando visitantes relataram a Amazônia como lugar místico, repletos de histórias mágicas e animais exóticos.

Segundo essas descrições – que ainda alimentam muitos mitos atuais –, a Amazônia é o mundo das águas e da floresta, em que a natureza funciona como um sistema integrado e harmonioso, imperando de forma quase absoluta. É aquele lugar privilegiado do planeta em que se realizaria a mais perfeita expressão do primado da natureza sobre o homem, uma espécie de paraíso perdido que nos reporta ao cenário de uma terra antes do aparecimento do homem. Em suma, o império da natureza e o acanhamento da civilização, o planeta das águas e o deserto da história. (OLIVEIRA, p. 163, 2016)

Esses relatos correram o mundo e resultaram em histórias e mitos que foram passados de geração em geração. Da mesma maneira, Neide Gondim

(1994), relata as descrições incansáveis dos viajantes que deixaram seus escritos em diários e cartas, a fim de informar aos europeus sobre as descobertas do novo Mundo. Nesses relatos, eles contam suas experiências, pautadas no imaginário e julgando-as de acordo com os costumes europeus vigentes na época.

A busca pelas Amazonas, pela cidade do ouro ou pelo próprio paraíso narrado nas cartas e descritos por Gondim (1994), são exemplos de como o imaginário pautou o real. Espig (2003-2004), explica que há “uma relação íntima e circular entre o real e o imaginário, sendo praticamente impossível estabelecer com segurança os limites entre ambos. A criação e re-criação entre real e imaginário é contínua, criativa e imprevisível” (ESPIG, P. 53, 2003-2004). Quando os viajantes chegaram na região, vieram influenciados pelas histórias contadas sobre as Índias, e os contos idílicos povoavam seus sonhos e criavam uma imagem do que se desejava encontrar.

Os viajantes, além de descrever a fauna, a flora, o povo e seus costumes, julgaram os comportamentos dos nativos, classificando-os como bárbaros pelo fato de não usarem talheres e não terem os mesmos hábitos que eles em relação a forma de se alimentar (GONDIM, p. 54-55, 1994). Essas descrições serviram para justificar ações ao longo dos anos, até mesmo as do século XX, quando através de planos de expansão e de suposta proteção ao território se fomentou a ocupação da Região Norte do Brasil.

Em nenhum dos textos escritos ou atribuídos a Vespucci, excetuando o da primeira Lettera, vai aparecer a frase vivem, e se contentam com aquilo que lhes dá a natureza. Este é o primeiro indicativo da preguiça, da indolência do nativo no Novo Mundo. A indolência é um dos pontos constitutivos da teoria do determinismo geográfico desenvolvida posteriormente, A preguiça também será usada como uma das justificativas da empresa colonialista em terras brasileiras, amazônicas, vista como um dos entraves de transformação regional. Trará também a idéia da inferioridade racial do norte brasileiro (GONDIM, p. 57, 1994).

Outro incentivo de exploração que merece destaque ocorre nos anos de 1940, quando o Governo Brasileiro lança uma campanha para atrair trabalhadores para os seringais, com o nome “Marcha para Oeste” que apresenta a região como “Novo Eldorado” (PEIXOTO, 2009). Neste contexto, os

trabalhadores eram atraídos com proposta de emprego pois o país estaria novamente no comércio internacional de látex, porém a mesma oportunidade não fora oferecida para a população local.

Outro slogan que marcou foi o “Integrar para não Entregar”, elaborado durante a Ditadura Militar, que visava a unificação do país. Este projeto previa a construção de inúmeras rodovias, entre elas a Transamazônica inaugurada em 1972 e a Belém-Brasília em 1974. Souza (p. 313, 2019) destaca que houve grande perplexidade quando da construção da Transamazônica, pois uma rodovia “ligando o Nordeste miserável à Amazônia pobre, não ajudava muito a reforçar os argumentos governamentais”, que visavam a integração e a expansão dos territórios. Também houve o incentivo do governo para ocupação da Amazônia, porém este era destinado principalmente para pessoas de outras regiões, e com mais recursos financeiros (PEIXOTO, 2009). Neste período famílias inteiras migraram para os estados do norte, com promessas de terras baratas e produtivas.

Como vimos, os discursos históricos formados ainda na colonização são mantidos e retransmitidos pela mídia. A floresta, os povos indígenas, os povos ribeirinhos, a fauna, a flora, os rios e os problemas decorrentes da ação do homem são temas recorrentes. O livro “A Natureza da Mídia na TV”, de Manuel Sena Dutra explora justamente esse estereótipo veiculado em determinados programas de televisão sobre a Amazônia, que retratam espaços bucólicos e muitas vezes romantizados. A casa de um ribeirinho não será retratada como de alguém que vive ali, trabalha e com seu suor sustenta sua família, mas de pessoas que vivem tranquilamente e em perfeita harmonia com a natureza (DUTRA, 2009, p.33). O autor chega a citar, a criação do boto cor-de-rosa para enaltecer essa visão que o estrangeiro tem sobre a região, visão esta que é repetida pelo nacional, desconsiderando a vivência do povo local.

A moldura de um aparelho receptor é que dá a dimensão de um real que não coincide com matas e rios onde sobrevive e trabalha uma multidão de pessoas.

A pedido do autor deste livro, o pesquisador José de Sousa e Silva Júnior, do Museu Paraense Emílio Goeldi, oferece a seguinte explicação: ‘Boto cor-de-rosa realmente é uma invenção de estrangeiros. Não posso garantir que tenha sido cunhado por Jacques Cousteau, apesar de ter sido ele o maior divulgador desse nome no Brasil. Via de regra, os ingleses e

norte-americanos costumam inventar nomes vulgares para espécies de quaisquer continentes, sem nenhuma base no vernáculo popular. Com o tempo esses nomes acabam sendo traduzidos para línguas locais, no nosso caso, o Português, por essas pessoas desavisadas, e muitos acabam sendo incorporados como se fossem legítimos. Boto cor-de-rosa é um desses casos, e se refere à espécie *Inia g. geoffrensis*, conhecida na Amazônia como boto vermelho' (DUTRA, 2009, p.34).

Por vezes a mídia hegemônica tende a repetir o discurso estruturado ao longo do tempo, e representa a Amazônia como um lugar estabilizado no tempo, e ao lado das construções das cidades temos Amazônias diversas, algumas (quase sempre as mesmas) são escolhidas para serem apresentadas pela mídia, mas não a partir da visão de quem está na região, mas sim do que vem de fora (DUTRA, 2009, p. 17).

Nos programas que tem a Amazonia como objeto de reportagens, documentários, especiais e clips, as reiteraões produzem o sentido de um lugar estabilizado no tempo, vazio humano, pleno de recursos em meio aos quais, índios e demais povos da floresta' permanecem tanto invisibilizados quanto tidos como ineptos para dar racionalidade econômica aos recursos naturais. A mídia imprime, dessa forma, um caráter de imanência a determinados enunciados historicamente fabricados. Por isso aqueles povos são midiaticizados como diferentes, exóticos e só em virtude desses pré-construídos tornam-se frequentes nas pautas da mídia. O exotismo decorre do fato de falarem uma linguagem diferente daquela que os produtores midiáticos e por serem percebidos, no discurso hegemônico, como grupos humanos congelados no tempo, espécie de seres estranhos ao mundo contemporâneo (DUTRA, 2009, p. 23).

Essas notícias reforçam as imagens que o restante do país tem sobre a Amazônia, que apesar de fazer parte do pensamento atual, não foram produzidas pelos indivíduos que as tem, mas são reproduções concebidas por gerações passadas, formuladas com objetivos distintos e utilizadas ao longo da história para encantamento e controle (OLIVEIRA, 2016, p. 163). Como exemplo o etnógrafo cita os pensadores do século XIX que apresentam a Amazônia como

o mundo das águas e da floresta, em que a natureza funciona como um sistema integrado e harmonioso, imperando de forma quase absoluta. É aquele lugar privilegiado do planeta em que se realizaria a mais perfeita expressão do primado da natureza sobre o homem, uma espécie de paraíso perdido que nos

reporta ao cenário de uma terra antes do aparecimento do homem (OLIVEIRA, 2016, p. 163).

Essa visão da Amazônia como algo idílico e romanesco, remete a representação do exótico, termo que permite uma melhor compreensão da visão que o restante do país e do mundo desenvolveram ao longo da história sobre a região. Apesar de Pinto (2008, p. 77), deixar claro que a exotização é um termo do século XIX, ela ainda pode ser considerada moderna. No que confere ao Brasil e à Amazônia, esta pesquisadora a considera atual e perceptível, tanto é que motivou a criação de uma rede de comunicação radiofônica que objetiva contrapor discursos hegemônicos ao mesmo tempo que evidencia vozes amazônidas.

Para pensar melhor a exotização, recorremos a Said (2007), que explica o orientalismo como a construção do outro a partir da perspectiva concebida em sua imaginação, o seja o Ocidente desenvolveu em seu imaginário um estereótipo sobre o oriente sem, no entanto, preocupar-se se isso refletia ou não a realidade. Esse processo de identificação é um fenômeno social que estabelece estereótipos e representações simbólicas do outro que passam a vigorar e são reproduzidas como afirmações da realidade.

Assim, o Orientalismo pode ser considerado um modo de escrita, visão e estudo regularizados (ou orientalizados), dominados por imperativos, perspectivas e vieses ideológicos ostensivamente adequados para o Oriente. O Oriente é ensinado, pesquisado, administrado e comentado segundo maneiras determinadas (SAID, 2007, p. 275).

O processo de orientalização explicado por Said (2007) do Ocidente com relação ao Oriente não é algo distante da realidade amazônida, porque este território também não é ocidental como explica Pinto (2008):

O que estamos querendo sugerir é que a ideia que temos de exótico, como tantas vezes acontece, não é nossa. A rigor nós é que somos exóticos, ao preenchermos ou nos aproximarmos dos atributos principais da noção: somos um lugar distante da europa, como um País tropical, quente, possuímos etnias que não pertencem ao Ocidente e temos mesmo contribuído, deliberadamente ou não, para a construção, para a construção de múltiplos exotismos: de nossa natureza, de nossa geografia, nossa comida, música, arte, política. Mesmo que não seja nossa

idéia de exótico termina por se assumida em nosso processo de construção da identidade e isso fica claro quando vamos rever as diferentes interpretações do Brasil, isto é, as diferentes interpretações do Brasil como formação. Aí se torna evidente que a cultura brasileira é um complexo processamento e reproprocessamento desses componentes de exotismo. Nas abordagens de regiões como a Amazônia, seus povos, sua paisagem, sua geografia cultural tão complexa, é praticamente impossível escapar a exotização e o que tem acontecido é um processo de auto-exotização em que se abre a possibilidade de reproprocessamento e reinvenções críticas, como buscamos indicar (PINTO, 2008, p.84).

Quando o autor destaca que nós somos o exótico, está lembrando que para países europeus ou mesmo para os Estados Unidos, o Brasil é o oriente e não o Ocidente. Desta forma, a iniciativa da RNA de enaltecer uma comunicação amazônica, enaltecendo os lutadores sociais, condiz com seus objetivos de realizar uma comunicação democrática e acessível a todos, não somente na recepção das notícias, mas na participação efetiva na elaboração dos programas.

Eu defino a Rede de Notícias como uma iniciativa que, eu sempre digo, digo que a rede ela vem com uma proposta de ser um espaço de democratização da comunicação né. A gente observa muito hoje, desde antes na verdade, que as nossas lideranças, que os movimentos, que as lideranças de movimentos elas tem poucos espaços nas grandes mídias e que precisava de um canal para que elas pudessem se expressar e algumas vezes alguém dizia assim: mas tem as rádios comunitárias⁷. Eu disse: existem rádios comunitárias e rádios comunitárias, então tem aquelas rádios que realmente são comunitárias, têm respiração comunitária, conseguem fazer um trabalho comunitário, mas tem aquelas que tem só o nome de comunitário. [...] Então eu penso que a Rede, ela é esse canal né, disponível, aberto pra que a população possa falar né, e eu sempre digo assim pra equipe, pros que trabalham comigo: a ideia não é só a gente tá falando de problemas da Amazônia, que problemas todo mundo fala né, então os grandes, principalmente a grande mídia vai falar muito de queimada, vai falar muito de desmatamento, vai falar de assassinato, vai falar de invasão de terra, isso vai tá falando. E a gente quer mostrar o outro lado, a gente quer mostrar que tem comunidades que trabalham, que geram lucros, sustenta a família, associando seu

⁷ As rádios comunitárias são reguladas pela Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998. São emissoras que devem atuar sem fins lucrativos, sua concessão é outorgada a fundações e associações comunitárias. Elas atuam em baixa frequência e devem estar instaladas na comunidade onde operam. As rádios comunitárias “devem fomentar a cidadania e a diversidade por um rádio construído coletivamente” (FERRARETTO, 2014, P.20).

trabalho com a floresta né. E aí a gente tem o exemplo de comunidades que promovem o turismo comunitário, de comunidades que trabalham com fabricação de biojoias a partir de sementes, de folhas, de coisas que encontram na floresta e conseguem fazer o trabalho. Então é mostrar essas experiências né, de que, que se pode aliar o sustento da família com essa, não digo preservação, mas com essa conservação da floresta como ela tá. Então eu penso que dá pra gente, pra gente fazer isso e precisa desse espaço porque hoje a gente acaba não tendo, então a gente precisa ser a outra voz. Uma voz que por muito tempo foi silenciada, mas que a gente precisa, hoje, fazer com que essa voz seja, esteja mais alta que uma outra voz que vem se propagando (SANTOS, 2019).

Com o monopólio da mídia que figura no Brasil (grandes empresas de comunicação detém a maior parte das concessões tanto de rádio quanto de televisão, por exemplo a Família Marinho possui além da emissora de televisão, emissoras de rádio, jornais e revistas⁸), ações como a da Rede de Notícias, que busca, possibilitar um espaço plural, acessível e que permita que a comunicação se desenvolva de forma a visibilizar a participação daqueles que não conseguiriam acesso, ganha destaque.

Kaplún (1985), em 1985, antes do advento da internet, falava em retomar o conceito de comunicação como algo inerente às relações humanas e não como definição engessada de que comunicação ocorre quando há Emissor – Mensagem – Receptor. Para o autor este modelo concebe a comunicação como um ato de poder, pois poucos emissores impõe a mensagem para muitos receptores (KAPLÚN, 1985, p. 67). E esse formato de comunicação dominadora e imposta não cabe mais na sociedade que se emancipa e quer se ver representada.

Los hombres y los pueblos de hoy se niegan a seguir siendo receptores pasivos y ejecutores de órdenes. Sienten la necesidad y exigen el derecho de participar, de ser actores, protagonistas, en la construcción de la nueva sociedad auténticamente democrática. Así como reclaman justicia, igualdad, el derecho a la salud, el derecho a la educación, etc., reclaman también su derecho a la participación. Y, por lo tanto, a la comunicación.

Los sectores populares no quieren seguir siendo meros oyentes; quieren hablar ellos también y ser escuchados. Pasar a ser inter-

⁸ Informações do site Notícias BBC News Brasil. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110718_magnatas_bg_cc. Acesso em 18 dez 2021.

locutores. Junto a la "comunicación" de los grandes medios, concentrada en manos de unos pocos grupos de poder, comienza a abrirse paso una comunicación de base; una comunicación popular, comunitaria, democrática. (KAPLÚN, 1985, p. 67)

Kaplún ainda define dois tipos de comunicação: A comunicação dominadora é a que ocorre de horizontal e que mais a frente ele afirmará que se trata de informação, e não comunicação. E a comunicação Democrática que é baseada no diálogo, na comunidade, que acontece de forma participativa, conforme quadro a seguir (KAPLÚN, 1985, p.67).

COMUNICACION DOMINADORA	COMUNICACION DEMOCRATICA
= Monólogo	= Diálogo
= Poder	= Comunidad
Vertical	Horizontal
Unidireccional	De doble vía
Monopolizada	Participativa
Concentrada en minorías	Al servicio de las mayorías

Figura 05: Quadro ilustrativo da Comunicação dominadora e da comunicação democrática. Fonte: KAPLÚN, Mario. El Comunicador Popular. Quito: Editora Belém, 1985.

Barros (2015), afirma que a comunicação democrática “é um processo que objetiva alterar estruturas desse setor com intuito de integrar valores assumidos como democráticos” (BARROS, 2015, p. 211). Por fim, a autora enaltece:

Enquanto projeto de reestruturação social e política do setor de mídia através de políticas públicas, a democratização da comunicação precisa ter legitimidade perante a sociedade, sendo coerente com as suas necessidades e com desafios presentes em cada contexto para a consagração de valores de cidadania (BARROS, 2015, p. 212).

Desta forma, entende-se que a comunicação democrática deveria partir de políticas públicas, permitindo que a comunicação desenvolvesse suas premissas e permitissem o acesso não apenas aos aparelhos de meios de

comunicação, como rádios, televisores e jornais, mas também que a população se veja inserida e representada nesse espaço tão importante e necessário para o desenvolvimento social e político de uma comunidade.

Quando Joelma Viana e Edilberto Sena, gestora e presidente da RNA respectivamente, enaltecem que a Amazônia deve falar para a Amazônia, ou que a Rede deva ser um espaço de amplificar a voz daqueles que já falam, porém ainda não são ouvidos além de seus espaços, entendemos que eles estão falando de uma comunicação que oportuniza a participação efetiva na construção da notícia, na construção da informação

A discussão sobre a democratização da mídia no Brasil não é algo novo, tanto que o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), luta desde 1980 contra a concentração econômica dos meios de comunicação. O FNDC busca

denunciar e combater a grave concentração econômica na mídia, a ausência de pluralidade política e de diversidade social e cultural nas fontes de informação, os obstáculos à consolidação da comunicação pública e cidadã e as inúmeras violações à liberdade de expressão (FNDC, s. d.).

Desta maneira entendemos que o objetivo descrito no Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia de “estimular a consciência crítica dos lutadores sociais a partir de uma comunicação democrática na Amazônia” (SANTOS, 2019, p. 16) acontece a partir do momento que eles se comprometem em oportunizar espaços e permitir que os lutadores sociais participem efetivamente da construção da comunicação desenvolvida pela rede.

2. JOELMA VIANA DOS SANTOS E REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA: HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM



Figura 06: Joelma Viana, nos estúdios da RNA em Santarém (PA). Fonte: Arquivo Pessoal

A história da Rede de Notícias da Amazônia e a história de vida de Joelma Viana dos Santos, conhecida nas ondas do rádio como Joelma Viana, se entrelaçam a partir de 2008 quando a comunicadora é convidada para gerir o projeto da RNA. Naquele momento, ela, que possuía uma carreira consolidada na comunicação como jornalista e produtora de programas radiofônicos, aceita o desafio de gerenciar uma rede de notícias que estava começando, convite que tinha sido recusado por muitos, pois a RNA era nova e ainda desacreditada⁹.

Eu lembro que muita gente dizia para mim que eu era maluca né, deixar um trabalho que tinha, digamos respaldo, para me envolver em um projeto que estava começando, que não sabia se ia dar certo, se ia funcionar e se ia para frente. Mas eu disse que eu acreditava na proposta e que a gente ia tentar fazer (SANTOS, 2019).

⁹ Entrevista fornecida por Joelma Viana dos Santos, em 30 ago 2019.

Apesar de não saber se daria certo ela aceitou integrar a equipe da RNA e mais, passou a gerir o projeto, o que para representou um grande desafio, hoje vencidas as dificuldades afirma com orgulho que a associação se tornou seu segundo filho e fica feliz ao contradizer as expectativas negativas que diziam que o JAN não passaria de 300 programas (no momento da entrevista totalizavam mais de três mil edições)¹⁰. Hoje o jornal está na edição 3.415.

Mas quem é Joelma Viana? Joelma começa sua história de vida contando que seu pai, Benedito dos Santos, é descendente de escravos e sua mãe, Maria José Viana dos Santos, tem origem indígena. Criada com mais duas irmãs e um irmão, sua mãe sempre os incentivou a estudar. Neta de parteira e rezadeira, nasceu em casa amparada pelas mãos da avó. Para ela, essa pode ser a fonte de sua identificação com as populações ancestrais que tem essa ligação com o lado espiritual (SANTOS, 2019).

Mãe, a radialista, conciliou a gravidez com a graduação e a maternidade e o trabalho. Se separou do pai de sua filha, pois tinham aspirações diferentes para o futuro, conforme explica: “ele queria que eu fosse dona de casa e eu não, não nasci para ser dona de casa (risos), eu nasci para ganhar o mundo!” (Santos, 2019). E de fato ela o ganhou.

O pai dela foi embora quando ela tinha dois anos mais ou menos, porque ele queria eu fosse dona de casa e eu não, não nasci pra ser dona de casa (risos), eu nasci para ganhar o mundo e... e aí a gente acabou entrando em divergência e eu disse que ia cuidar dela e ele ia seguir a vida e foi que, que aconteceu e eu sempre digo né, acho foi a melhor escolha que eu fiz na vida, porque senão não teria dado passos tão longos (SANTOS, 2019).

Funcionária da Rádio Rural de Santarém desde 2001, antes disso trabalhou na TV Tapajós, afiliada da Rede Globo em Santarém por um ano como estagiária onde atuou inicialmente na produção e depois de seis meses passou a fazer a edição do jornal e gravava externas, mas enfatiza que a televisão nunca foi sua paixão na comunicação. Depois de um ano deixou a televisão, onde queriam renovar seu contrato de estagiária e ela não aceitou pois fazia diversas atividades que iam muito além do estágio para o qual havia sido contratada.

¹⁰ Entrevista fornecida por Joelma Viana dos Santos, em 30 ago 2019.

Depois de um mês sem trabalho ingressou na Rádio Rural de Santarém. Com uma semana de casa, foi convidada para produzir o Jornal da Manhã. Segundo ela foi o período de maior responsabilidade, visto que era o jornal de maior credibilidade da emissora e o mais antigo também. Muita dedicação, noites em claro para aprender o fazer e fazê-lo com excelência, ela conseguiu. Um tempo depois foi convidada para produzir o Jornal do Meio-Dia, que segundo ela é o que mais ensina, pois requer agilidade na produção das matérias que chegam pela manhã, pois irão ao ar ao meio-dia (SANTOS, 2019).

Entre gravações, textos radiofônicos, trilhas sonoras e edições, Viana manifesta seu desejo de atuar na locução para um colega que a desencoraja.

Aí eu lembro que na época eu pedi para um, pro colega que trabalhava com a gente que eu queria ir para a locução do jornal e ele virou para mim e disse assim: “Tu não tem voz para apresentar jornal!” (silencio) Eu disse: “Tá, tá bom, eu vou aprender, mas eu vou aprender”. [...] Eu vou mostrar que sou capaz! E aí eu comecei a gravar pequenos textos para colocar no jornal, então eu produzia algumas matérias, gravava e colocava no jornal para, para, para sair, para que eles pudessem ouvir. [...] *Quando* uma colega faltou, ficou doente e não tinha ninguém para a apresentar o jornal e ai eu vim para tapar buraco. E Nesse tapa buraco eu acabei ficando na apresentação do jornal (SANTOS, 2019).

Joelma ficou na apresentação do Jornal até que foi chamada para “O Rádio pela Educação”, um projeto da Rádio Rural de Santarém em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Santarém (PA). Deixou o programa para ingressar na RNA como gestora. Mas apesar de sua função ser a de administrar a associação, não se distanciou dos microfones, vez ou outra ainda ouvimos sua voz nos programas produzidos pela Rede.

Apesar da descrença que acompanhou muitos dos seus colegas com relação a troca de um projeto que estava dando certo, onde ela remunerada e era reconhecida, por um outro projeto, cheio de incertezas e que não sabia qual seria sua durabilidade, ela afirma que nunca duvidou do propósito da Rede e

como ela poderia crescer. Ela diz ainda que sonhava em “crescer na vida”, mas não imaginou que iria tão longe como a Rede proporcionou que fosse.

O ir longe para ela, são as viagens realizadas enquanto gestora da RNA, que além de conhecer outros estados da Amazônia Legal – esteve em Rondônia, Pará, Amazonas, Acre, Maranhão, Roraima e Amapá - também conheceu outros países da América Latina, – Peru, Equador, Argentina e Bolívia – associadas a isso estão as experiências que acumulou em cada uma delas, algumas ela relata e nos leva junto na sua viagem.

A mais louca e mais divertida, foi a Raposa Serra do Sol em Roraima que o motorista se perdeu no meio do caminho e a gente acabou se perdendo na mata na verdade. [...] A gente conseguiu chegar na comunidade e para mim foi uma experiência bem interessante chegar em uma comunidade indígena, encontrar antenas parabólicas e jovens com celulares na mão. [...] Uma experiência que eu não gostei muito foi ali Santa Elena de Uairén, na Venezuela, na fronteira com Roraima, um lugar [...] de problema social mesmo, falta de recurso e tudo mais, eu digo que foi uma experiência muito ruim para mim. Eu gostei muito de conhecer a Amazônia Equatoriana, também fui em uma comunidade indígena que eu estive lá com os jovens e ouvi as histórias das mulheres que eram proibidas pelos maridos de trabalhar nas rádios porque elas eram para ser donas de casa e não para estar envolvida na luta, mas elas foram atrás, buscaram e hoje estão bem, bem envolvidas, tem projetos bem, bem interessantes e os homens já compreendem né, então eu ouvi os relatos das mulheres e ouvi também os homens dizer que, que eles reconheciam da importância da mulher estar junto nessa luta. Então foi... Então eu digo que as maiores experiências, ou os maiores aprendizados vieram desse contato com essas comunidades, com esses locais. Conheci alguns líderes né, importantes, digamos para a nossa região como a Irmã Doroty né, que eu conheci em um ano e no ano seguinte ela foi assassinada. [...] e outros líderes... Conheci um pouco da história da pescadora lá de Rondônia, não lembro o nome dela aqui, que também foi assassinada. [...]

Neste trecho da história de vida fica claro que é não possível desligar a comunicadora Joelma Viana da mulher Joelma Viana dos Santos. Ao se impactar e voar para outros lugares, enfrentando seu medo de estar em um avião, ela assume como sua a missão de comunicar o que essas pessoas vivem e ensiná-las como a comunicação pode ajudar nas suas vidas (além de fazer reportagens, muitas viagens são realizadas para dar formação sobre a RNA, comunicação e rádio para associações e entidades que tenham interesse em uma comunicação

democrática). Essa impossibilidade de separação do indivíduo profissional do indivíduo pessoal que fica evidente nas memórias de Joelma ao contar sua história é destacado por Pollak (1992, p. 200-212) que explica que a memória se forma inicialmente a partir das vivências pessoais e depois das vivências do grupo onde o indivíduo está inserido. Outro exemplo citado por Pollak e que podem ser observadas nas falas de Joelma Viana é quando ela diz que os sentimentos pelos povos da floresta são oriundos de suas origens ancestrais, o que o autor explica ser herdado, ou seja, ela teria absorvido como sua a realidade de seus antepassados.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, 200-212).

Quando relembra trechos de momentos que viveu enquanto representante da RNA, evoca o sentimento de pertencimento e de que este é o seu lugar, mesmo quando afirma que quer voar ainda mais longe, deixa claro que seu tempo na Rede ainda não terminou.

Eu penso em continuar na Rede, porém, entretanto, contudo, todavia eu sempre digo que, que eu preciso ganhar mais né, eu preciso ter uma remuneração um pouco melhor, sei que não é possível porque a gente trabalha com projetos, mas aí tentar encontrar caminhos para isso né [...], talvez quem me ouça dizer isso diga assim “Ah, só pensa em dinheiro, só quer ganhar mais”, mas eu penso que a gente chegou em um momento que é preciso também a gente investir naquilo que a gente já investiu durante a vida toda né, então eu sempre investi no projeto então tá na hora do projeto também investir em mim, embora já tenha investido, por conta das formações que eu recebi, nas, dos encontros que eu já fiz, dos lugares que eu já fui, mas eu acho que a gente precisa mais. Eu sempre digo para os meninos isso né, que, que eles estão aqui mas se eles receberem propostas melhores que eles possam ir mais longe, que a gente vai sentir falta, mas que eles precisam voar né. E eu sempre digo pra gente: se a gente encontrar outras oportunidades, embora eu já tenha recebido outras... é digamos... ofertas de trabalho para também voar, ir mais longe, mas eu sempre fico aqui, eu acho que é essa paixão pelo rádio, pelo projeto e pelas histórias que a gente encontra na Amazônia que não vai encontrar em outro lugar e eu acho que é um pouco isso (SANTOS, 2019).

Reforçando a ideia de que a Rede de Notícias procura falar para a Amazônia, ela afirma que é necessário estudar muito para poder fazer os programas da rede, e isso ainda é um dos maiores desafios, o de “conhecer essa região que não é singular, que é uma região plural e que as vezes a gente acaba não conhecendo” (SANTOS, 2019). Por isso é tão importante para ela se inserir no meio do povo e buscar estar o mais próximo possível da notícia.

Eu sempre digo que não dá para fazer comunicação sem a gente estar envolvida nessa luta né. Eu sempre digo para os meus alunos que a gente precisa, que a comunicação ela vai muito além dessa troca de informações, desse diálogo. Se eu não sentir o que o outro sente eu não estou fazendo uma comunicação de verdade! [...] A gente precisa muito sentir o outro, sentir o que o outro sente para gente poder contar né. É muito fácil ouvir alguém dizer e eu gravar um relato, mas se eu não vou lá, eu não conheço, eu não sei como funciona. Então eu sempre digo que a gente precisa ir, e aí eu pego uma frase muito do meu professor que ele dizia que a gente precisa ir para a rua para sentir a “inhaca” do povo (SANTOS, 2019).

Para Joelma, só é possível fazer comunicação, se participar ativamente do ato, conhecer a realidade que está sendo relatada para então poder dizer com propriedade sobre aquilo que se narra.

Eu não posso falar de uma manifestação se eu não vou para a manifestação, se eu só ligo para alguém que está lá no meio e peço uma entrevista que ele me mande pelo Whatsapp e eu não estou lá sentindo com eles o mesmo sol né, sentindo a vibração das pessoas, sentindo é, digamos até a própria pressão de quem está de fora olhando aquilo, eu não consigo contar da mesma forma, eu não consigo fazer uma narrativa daquilo que está acontecendo se eu não estou lá, se eu não vivencio aquele, aquele momento, [...] A gente trabalha muito com os sentidos né, eu acho que no rádio, eu percebo que no rádio estes sentidos devem ser mais fortes, que eu não posso relatar algo que eu não senti, que eu não vivi, que eu não cheguei a ver de perto(SANTOS, 2019).

O destaque de Joelma de que o jornalista/comunicador/radialista deve estar envolvido com o evento que noticiando, que deve conhecer a fundo o tema e ouvir os envolvidos também é defendida Ricardo Noblat (2003, p.22), que lista alguns deveres do jornalista que seguem:

[...] O dever número um dos jornalistas é com a verdade – mesmo que ela não seja claramente identificável.
O dever número dois é com o jornalismo independente.
O número três é com os cidadãos. Não se deve ter vergonha de tomar partido deles.
O quarto dever do jornalista é com sua própria consciência.
(NOBLAT, 2003, p.22)

A RNA projeta mudanças para todos que tem contato com sua programação, suas formações e demais atividades. As atividades formativas que são ministradas mobilizam o seus participantes para que sejam atores da mudança e não mais apenas ouvintes ou telespectadores dela, e segundo Joelma Viana dos Santos, eles são animadores. Como exemplo ela cita a Rádio Comunitária e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Belterra (AM), que após uma formação onde explicaram que eles deveriam ocupar um espaço dentro da rádio, expor suas lutas, dores, reivindicações e apresentar o que estavam desenvolvendo para atrair mais associados e quem sabe até criar uma ramificação do Sindicato incluindo as mulheres, mostrando que elas também podiam se organizar, foi o que ocorreu. Em Mojuí dos Campos (PA), a formação trouxe um impacto tão positivo que jovens abriram uma rádio comunitária.

Mas Joelma não fica indiferente a influência das atividades da RNA, mudanças acontecem tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. Ela conta que passou a olhar mais para o outro e entender que cada um tem seu tempo e seu espaço.

Eu nunca esqueça de uma vez que a gente foi para um lugar, eu tava com uma jornalista de São Paulo e a gente tava numa comunidade e ela disse: eu não consigo entender como essas pessoas conseguem sorrir, conseguem estar todo tempo felizes vivendo numa casa de palha, com fogão de lenha e tendo essa... Aí eu dizia para ela assim: é porque tu precisa viver a experiência deles, só quando tu conseguir, digamos, tirado a roupa de São Paulo e vestir a roupa de quem mora aqui na região amazônica tu vai perceber o que é ser feliz com o simples né, que a gente não precisa ter tudo, a gente precisa do básico e o básico eles têm: uma casa, o rio bem na frente pra eles pescarem pra tirar o alimento, com a floresta logo atrás pra eles entrarem, colherem os frutos, um quintal grande pra eles criarem uma galinha, criarem pato, o próprio alimento, é encontrar a vivência no simples (SANTOS, 2019)..

O trabalho na comunicação, a formação acadêmica e as vivências do dia a dia fizeram com que compreendesse que nem tudo podemos ter na hora que desejamos. Com relação a vida profissional hoje ela diz que consegue administrar melhor seu tempo e não se perde na execução de cada atividade e que evoluiu muito mais do acreditava ser possível, pois passou de editora de um jornal para administradora/gestora de uma rede de alcance internacional e relembra que quando ingressou no jornalismo, tanto na TV, quanto no Rádio sofreu preconceito por parte de colegas e superiores. Mas o que ela destaca foram colegas que se recusaram a deixá-la corrigir uma matéria por conta de ela não ser formada em jornalismo (Sua formação é em letras), enquanto ele era graduado em jornalismo. Segundo ela, esse colega preferiu ser demitido a aceitá-la como sua superior. E mesmo tendo seu trabalho reconhecido e sabendo da importância da atividade que desenvolve, relata que na gestão da RNA, muitas vezes demora para receber resposta de alguns diretores de emissoras associadas, o que não ocorre com o Presidente, que sempre é respondido prontamente.

Quando eu vim para a Rádio Rural eu era a única mulher no setor de jornalismo e eu sempre tinha dificuldade é, principalmente com os repórteres, quando eles chegavam e diziam que não iam entregar uma matéria para alguém que estava começando né, então é difícil, é muito, muito difícil. Eu fui coordenadora do setor de jornalismo durante um período que eu estava na rádio né, e eu lembro que teve alguns, alguns colegas de trabalho que assim, tentaram me intimidar na época que eu era coordenadora, um na época disse que não ia dar as matérias dele para eu revisar porque eu não era formada na área de jornalismo e ele era. Eu disse “Então tá bom, então você escolhe trabalhar ou ir pra rua” e aí ele disse que ele preferia ser demitido, mas que ele não ia dar as matérias dele para corrigir, mas hoje a gente se dá muito bem e hoje ele é assessor de imprensa de um deputado aí e a gente se dá muito bem hoje (risos) (SANTOS, 2019)..

Seu início quando jovem na Pastoral da Juventude¹¹, foi que motivou sua paixão pelo rádio e pela comunicação como um todo. Hoje a sua motivação para

¹¹ “A Pastoral da Juventude é ação evangelizadora da Igreja entre os jovens, onde os próprios jovens são protagonistas de sua evangelização, assumindo-se evangelizadores de outros jovens. Atuando na comunidade e na sociedade”. Disponível em: <https://cnbbs2.org.br/pastoral-da-juventude-2/>. Acesso em 27 jan 2022.

continuar a lutar por uma comunicação democrática e mais humanizada não está distante do que ela acreditava naquela época.

O que me motiva a continuar (silêncio) é a possibilidade ou a crença ou, acho que acreditar que a comunicação ela pode fazer a diferença no mundo que a gente vive. A gente vive num mundo muito perverso hoje e eu acho que a comunicação é esse caminho, a gente conseguir, digamos, melhorar o lugar que a gente vive, o espaço onde nós estamos, com uma comunicação não agressiva. Até comentava isso uma vez no encontro com os movimentos populares que eu dizia para eles que que a gente sempre chega pra reivindicar, a gente chega gritando e a gente precisa ser mais sensível né, porque eu só consigo chegar no outro através da sensibilidade, porque se eu chego com agressividade o outro se afasta. Ele acaba não querendo e a comunicação (SANTOS, 2019).

Quando a comunicadora se posiciona contra a comunicação agressiva, sua fala vai de encontro com o que explica Kaplún (1985) que explica que a eficácia da comunicação depende da capacidade empática do comunicador. Mas o que é empatia? Kaplún define empatia como um esforço consciente de que fazemos para estar no lugar do outro e assim poder estabelecer uma ação comunicativa como ele. “Es la capacidad de ponernos en la piel del outro, de sentir como él, de pensar como él, de ‘sintonizar’, de ponernos en su misma ‘onda’” (KAPLÚN, 1985, p.124).

A Gestora da RNA explica que apesar de estar em sala de aula e gostar do magistério, ela não gosta do ambiente “fechado”, pois gosta mesmo de estar no meio do povo, junto com eles, e que precisa desse contato que ela classifica como alimento que só a comunicação proporciona, e é isso que a motiva que ela e a RNA podem chegar mais longe.

A gente precisa acreditar mais no potencial, no nosso potencial enquanto comunicadores na Amazônia, porque a gente sempre acha que o outro faz melhor que a gente, enquanto que muitas vezes a gente está fazendo bons trabalhos, mas a gente sempre pensa que a Globo faz melhor, que o SBT faz melhor, que a BAND de faz melhor. Então da gente acreditar naquilo que a

minha rádio tá fazendo, que que a minha tv local tá fazendo, que minha rádio comunitária tá fazendo que, que fazer comunicação não é, digamos, estar na grande mídia, você ser conhecido por muita gente, mas é eu poder fazer com que as pessoas elas conheçam essa realidade, elas conheçam, elas avaliem e elas queiram mudar. Que a comunicação parte disso de a gente acreditar naquilo que a gente tá fazendo. Eu vejo que nós enquanto jornalistas na Amazônia, a gente busca muito se espelha no de fora, enquanto que aqui dentro a gente tem bons exemplos também (SANTOS, 2019)..

Apesar de dizer que o ambiente fechado da sala de aula não é o seu preferido ela destaca que a acredita na comunicação como um processo de formação.

A partir do momento que eu divulgo uma notícia e eu aprofundo essa notícia eu tô levando algo a mais para o meu ouvinte e esse algo a mais é um processo [...] para ele estar se conscientizando de que ele pode fazer a diferença no lugar onde ele tá (SANTOS, 2019)..

Como Joelma, além de jornalista também é professora, é compreensível que ela se identifique e ligue seus dois campos de atuação, o que não é algo novo e foi praticado por Paulo Freire que enfatiza que o processo educacional está amplamente ligado ao processo comunicacional, pois não há educação sem comunicação.

O discurso de SANTOS quando menciona a RNA, é carregado de sentimentos, sentimentos de denotam posse, admiração e confiança que estes são apenas os primeiros passos. Suas lembranças do pessoal se mesclam de certa maneira com as lembranças vividas enquanto Gestora da RNA, sobre isso compreendemos que “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (STERN, apud BOSI, 1994, p. 68), ou seja, a pessoa busca em sua memória e apresenta os acontecimentos de acordo com a história vivida até aquele instante. As apresentações dos acontecimentos e os próprios acontecimentos escolhidos para relato poderão ser diferentes dos que ela realizou em outro momento. Essa divergência ocorre por

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado a

hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN, apud BOSI, 1994, p. 68).

É perceptível que a memória não é alterada intencionalmente e conscientemente, mas sim baseada nos acontecimentos a que o indivíduo é submetido.

A comunicadora quando fala do Caminhos da Amazônia, deixa claro seu carinho pelo programa e na sua história de vida ela nos dá pistas do motivo pelo qual possui essa ligação. Logo nos primeiros minutos ela menciona que nasceu pelas mãos da sua avó que era parteira e rezadeira. E essa ancestralidade faz com que se sinta atraída pelos conhecimentos das mulheres tradicionais que benzem, rezam e curam através de seus conhecimentos ancestrais. E que isso lhe faz com que se sinta próxima da natureza e dessas mulheres.

Nesse mesmo trecho, ela afirma que uma passagem da sua vida que é contraditória, já que sempre trabalhou em defesa do meio ambiente e seu pai trabalhava em serraria.

sempre eu comento que isso é o contraditório na minha vida, porque eu sempre trabalhei na defesa do meio ambiente e meu pai trabalhava como serrador em uma madeireira né, então essa era, era o contraste que a gente tinha e até mudar essa mentalidade na cabeça dele foram anos, muitos anos assim, é... de tentar mostrar pra ele que não era, que esse não era o caminho né, que a gente podia ter outros caminhos. Hoje ele é aposentado, não trabalha mais com isso, gosta de pescar né, gosta muito de pescar, embora eu não goste que ele vá pescar, ele gosta de pescar (SANTOS, 2019)..

Apesar dessa contradição ela nunca deixou de se dedicar às causas em que acredita e chegou a morar em um convento quando jovem pois sempre soube que seu destino seria servir ao próximo, mas naquele momento não imaginava que a forma de servir seria através da comunicação. (SANTOS, 2019).

Quando questionada sobre suas inspirações, Joelma Viana foca em pessoas próximas além de jornalistas brasileiros reconhecidos internacionalmente. Entre os citados estão Padre Edilberto Sena (presidente da RNA), Caco Barcellos, Eliane Brum, Eduardo Galeano, Leonardo Sakamoto,

Eanes Silva e Janaína Palmeira (Radialistas das emissoras associadas da RNA).

Na comunicação realizada pelo Padre Edilberto Sena ela destaca que o que a impressiona é a desconstrução na sua forma de comunicar, onde ele não se prende a roteiros, métodos ou formatos. Seguindo sempre sua intuição e que acredita que se aplica naquele momento, para aquele público para quem ele está comunicando.

Eu acho que, que partindo daqui uma pessoa que sempre me inspirou muito é próprio padre Edilberto, que mesmo não tendo uma formação de nível superior, porque ele estudou muito, mas nunca conseguiu concluir [...], mas eu consigo digamos perceber o quanto ele consegue se comunicar né, e... e fazer uma comunicação diferente. Ele é espontâneo, [...] ele é, digamos, ele não segue uma regra né (SANTOS 2019).

Quando fala sobre Caco Barcelos, jornalista atualmente vinculado a Rede Globo e responsável pelo programa Profissão Repórter veiculado na Tv aberta ela explica que a ousadia e capacidade de acreditar no outro é que fazem com que ela o admire e se espelhe nele:

Ousadia. Eu acho que ele é muito ousado naquilo que ele que ele faz e o fato de ele acreditar na capacidade do outro né, eu acho que eu consigo perceber isso nele. [...]Eu vejo que ele é muito ousado naquilo que ele faz né e ele não tem medo de correr riscos né, eu vejo que ele consegue correr esses riscos pra contar uma boa história (SANTOS, 2019).

Ainda sobre o Caco Barcellos ela conta, que ao assistir um programa que serve como um curso de jornalismo para novos repórteres, um dos jornalistas foi fazer uma reportagem sobre a fome, e encontrou uma senhora e sua família que estava com fome, que não havia comido nada no dia anterior e nem naquele dia. O jovem repórter foi então até a padaria e comprou alimento para essa senhora para somente depois fazer a entrevista e no retorno para a edição, o Caco Barcellos foi muito duro com ele, segundo Santos, pois ele deveria ter primeiro feito a reportagem para depois ter sanado a fome daquela família. Quando ele explicou, o motivo pelo qual ele deveria primeiro fazer a reportagem para depois alimentá-los, ela compreendeu o motivo:

Se eu camuflar essa realidade eu acabo não conseguindo, digamos, fazer com que essa realidade mude, né, porque se ela não tá mais com fome eu não vou sensibilizar quem [deveria], digamos, até na entrevista ela dizia: - eu te agradeço por você ter me dado o café da manhã de hoje, então ele querendo ou não [acaba] camuflando as histórias. [...] Não que a gente queira a desgraça do outro pra contar histórias, mas que a gente precisa contar as histórias como elas são, sem tá camuflando. Então eu vejo, essa ousadia dele, e essa crença que ele tem no outro né. E eu acho que, não só a crença, mas de [...] não se sentir ameaçado por estar partilhando seu conhecimento com outro (SANTOS, 2019).

Outra inspiração para ela é o Gabriel Garcia Marques, o qual ela se encantou pela forma envolvente com que ele conta suas histórias, como ele envolve seu leitor de maneira que o prende, mesmo sendo histórias tristes ou violentas. O fato de conseguir fazer uma comunicação com situações revoltantes e ainda prender seus leitores é algo que ela procura aprender com ele e trazer para sua realidade.

Eu acho que essa, essa, coisa de contar de contar histórias, de falar de coisas tão pesadas de uma forma tão romântica, digamos, não aquele romantismo passado, mas de uma forma que cativa, que faz você se interessar por aquilo mesmo sendo algo muito pesado, muito difícil de entender né. Eu lembro que eu li Amor em Tempos de Cólera, por exemplo, que ele faz uma narrativa dos tempo da Ditadura Militar e pegando assim vários países e como é que ele conta a cada uma das histórias, por isso que eu digo, há momentos que a gente acaba é sensibilizando junto com ele ao mesmo tempo sentindo raiva do que ele escreve. Então é uma narrativa que te envolve, eu aprendi isso com ele né, de tentar fazer uma narrativa que envolva as pessoas, que as pessoas consigam se perceber nela né (SANTOS, 2019).

No texto da Eliane Brum ela destaca que admira a forma de escrever, “essa sensibilidade de escrever, de tornar o texto um poema, mesmo contando uma história triste”(SANTOS, 2019). Ela destaca o jeito manso e simples de falar, que vai encantando, a sua capacidade de contar histórias tristes de uma forma poética. “Eu acho que a gente precisa disso no jornalismo, de poesia!” (SANTOS, 2019).

Quando questionada sobre o que a inspira no jornalismo de Leonardo Sakamoto, ela diz entre risos que ele é um revolucionário, que não se contenta

com o fato superficial que é apresentado. Que seus materiais não são apenas denúncias vazias, mas resultado de muita pesquisa e dedicação.

ele não faz só a denúncia, ele busca outras fontes pra complementar aquilo que ele tá dizendo. Então eu vejo muita pesquisa no trabalho que ele faz. Não é um trabalho superficial, é um trabalho que é feito com pesquisa, com aprofundamento, é um texto, digamos, é um texto corajoso porque ele fala com propriedade aquilo que ele tá escrevendo. Então eu vejo isso nele, um revolucionário, aquele cara que não está contente com as coisas e ele mostra isso nos textos e faz com que a gente também perceba que as coisas não são realmente tão belas quanto são pintadas. [...] Acho que é a receita dele. Denúncia com pesquisa (SANTOS, 2019).

Quando passa a falar de suas conhecidas e parceiras da Rede de Notícias da Amazônia, o tom de voz de Joelma muda e nota-se um profundo carinho por elas. Eanes Silva que é jornalista na Rádio Boa Notícias de Balsas (MA) é descrita por Joelma como de aparência frágil, mas guerreira, que não tem medo de correr riscos para fazer seu trabalho jornalístico.

O primeiro olhar que a gente tem da Eanes é aquela menina frágil né, que até um pouco carente, vamos dizer, ela gosta muito de tá perto da gente, mas é a ousadia né, é aquilo, se ela tiver que ir pra fazer uma denúncia ela vai. É aquela que se preocupa com outro, ela não tem medo de correr o risco, digamos, por estar falando ou denunciando que alguém tá sofrendo alguma coisa né. Eu acho que eu não tenho a mesma coragem. Eu acho que essa coragem dela é uma inspiração né, de ela não ter medo de ir mesmo e se arriscar, [...] ela vai, vai atrás do que ela quer, ela vai atrás do que ela precisa (SANTOS, 2019).

Quando questionada sobre sua inspiração em Janaina Palmeira, que é radialista em Boa Vista (RR), ela destaca a força e capacidade que ela tem de atuar em diferentes frentes ao mesmo tempo e dar conta com muita competência de cada uma delas.

A Janaína como eu disse ela é mãe, ela é jornalista né, e agora tem a responsabilidade de cuidar da mãe que está doente e do marido, da casa, (risos) tudo né. Mas ela se dispõe e quando ela ver alguém que tá sofrendo alguma ameaça, que tá digamos, quando tem algum problema grave ou que alguém que contou uma história que não é realmente daquele jeito, ela se desliga

das responsabilidades que ela tem e ela vai né. Eu sempre digo para ela que as pessoas que gostam de contar boas histórias, não só de desgraças, mas histórias que, digamos, tragam vida pra as outras pessoas, elas acabam me inspirando e ela tem esse dom de trazer essas boas histórias (SANTOS, 2019)..

Ao ouvir Joelma Viana, relatando seus espelhos, as pessoas que as inspiram e porque as inspiram, percebemos que ela se constrói a partir das narrativas dessas pessoas, mesclando com sua própria existência e experiência dentro da comunicação. Seus ídolos não são apenas os jornalistas que possuem reconhecimento nacional, mas também aqueles comunicadores que estão com ela diariamente, construindo uma comunicação mais justa e igualitária. Seu discurso se mescla com suas experiências, seus desejos pessoais se misturam com seus objetivos para a comunicação e com os próprios objetivos da RNA.

3 – REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA E SEUS PRODUTOS RADIOFÔNICOS

“Como marginalizados, ‘seres fora de’ ou ‘à margem de’, a solução para eles estaria em que fossem ‘integrados’, ‘incorporados’ à sociedade sadia de onde um dia ‘partiram’, renunciando, como trãsfugas a uma vida feliz”.

Paulo Freire

Mas afinal a Rede de Notícias da Amazônia, realmente pratica uma comunicação democratizada e com acesso aos lutadores sociais? Para entender como se dá essa participação vamos analisar alguns programas elaborados pela rede de Notícias da Amazônia durante o ano de 2021 e que estão disponíveis no site <http://redenoticiasdamazonia.com.br/> na aba Multimidia/Podcast.

Antes de avançar para as análises dos programas vamos entender o que significa democratizar a comunicação, termo que tem sido utilizado desde o começo do texto e que talvez devesse ter sido explorado mais profundamente lá no início, mas ainda em tempo, o dicionário Silveira Bueno (1992, p. 195) define” Democratizar: tornar democrata, ou democrático; dar feição democrática; popularizar”. Logo é notável que democratizar a comunicação pode ser classificada como permitir o acesso ao maior número de pessoas, tornar a comunicação popular, e isso não se aplica apenas ao conteúdo disponibilizado, mas também a participação na construção da notícia, a partir do lugar de fala dos lutadores sociais e não dos comunicadores. O Lugar de fala, é discutido por Djamila Ribeiro (2019), que com relação a comunicação esclarece:

Nesse sentido dado pela comunicação, o conceito serviria para analisar que o lugar de fala da imprensa popular seria diferente do lugar de fala do que eles chamam de jornais de referência e, nesse artigo especificamente, mostra-se que este lugar da imprensa popular vai além do sensacionalismo. [...]

Percebemos, então, a tentativa de analisar discursos diversos a partir da localização de grupos distintos, e mais: a partir das condições de construção do grupo no qual funciona, existiria uma quebra de uma visão dominante e uma tentativa de caracterizar o lugar de fala da imprensa popular de novas formas (RIBEIRO, 2019, p.56-57).

Entendendo que a comunicação no Brasil, no quesito às rádios e televisões estão atreladas a permissões governamentais chamadas concessões midiáticas¹², e muitas dessas concessões estão concentradas nas mãos de grandes empresas de comunicação que realizam uma comunicação vertical, conhecida como Comunicação de Massa¹³. Luiz Felipe Ferreira Stevanim (2014), afirma que democratização tem dimensões teóricas e políticas que se articulam entre si e não conseguem alcançar todo o povo brasileiro e suas diferenças culturais.

As famílias que atualmente hegemonomizam a mídia brasileira não dão conta de expressar o samba, o maracatu, os cortejos, romarias, cordéis e todas as outras manifestações culturais do povo brasileiro. Conduzir a mídia à democracia é romper as cercas da desinformação para oferecer um conteúdo de qualidade, comprometido em formar e informar o povo brasileiro, fazendo ecoar sua voz. É ir de encontro a mídia que invisibiliza a luta por direitos, que criminaliza os movimentos sociais e deslegitima as greves, mostrando que é do lado dos patrões que ela samba (BRASIL DE FATO, 2016).

Democratizar a comunicação não é um debate recente, em 1980 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reuniram um grupo de estudiosos, 16 ao todo, de países diferentes, que elaboraram após 4 anos de estudo um relatório sobre o tema. O documento ficou conhecido Relatório MacBride, segundo Stevanim (2014), em homenagem ao relator da comissão Sean MacBride.

¹² No Brasil as concessões para atuação das empresas de telecomunicação e radiodifusão são outorgadas pela União, prerrogativa prevista na Constituição Federal de 1988. As concessões são autorizações para que as emissoras, tanto de rádio como de televisão, atuem em determinados espaços, as concessões quando forem outorgadas definiram o raio de abrangência das emissoras bem como as ondas eletromagnéticas que deverão ocupar para serem sintonizados. As concessões se aplicam às emissoras comerciais (são aquelas que vendem publicidade e que visam o lucro com sua existência) e as comunitárias que são emissoras que atuam para atender a necessidade de comunicação de uma determinada comunidade ou bairro e não pode ter fins lucrativos conforme previsto na Lei Nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998 que regulamenta as rádios comunitárias.

¹³

A partir das formulações do relatório, o "direito à comunicação" passa a ser compreendido como composto de três dimensões, que incluem a participação, a liberdade de informação e o desenvolvimento autônomo do indivíduo (STEVANIM, 2014, p.4).

Desta forma, percebe-se que o relatório da Unesco elaborado em 1980, não está muito distante da comunicação apresentada por Paulo Freire que defende uma comunicação dialógica, onde tanto o emissor quanto o receptor participam ativamente do processo comunicativo (FREIRE, 1971, 66-67 apud LIMA, 2015, p.89), não havendo espaços nessa concepção para uma comunicação unilateral como a praticada pelos meios de comunicação de massa.

Enfatizando que a comunicação significa cooparticipação dos Sujeitos no ato de pensar, que o objeto de conhecimento não pode se constituir no termo exclusivo do pensamento, mas de fato, é seu mediador e que o conhecimento é construído por meio das relações entre os seres humanos e o mundo, Freire está, na verdade, definindo a comunicação como a situação social na qual as pessoas criam conhecimento juntas, transformando e humanizando o mundo em vez de transmiti-lo, dá-lo ou impô-lo. A comunicação é uma interação entre Sujeitos iguais e criativos. Mas essa comunicação é de natureza tal que necessita estar fundada no diálogo (LIMA, 2015, p. 89-90).

Reunindo a concepção de Paulo Freire que há comunicação quando há diálogo, entendemos que há comunicação democrática quando há participação daqueles para quem se comunica. Esta concepção é corroborada por Juan E. Diaz Bordenave (1981, p. 18) que explica que para se democratizar a comunicação é necessário tornar o povo protagonista do processo de comunicar.

Ao abordar o jornalismo no livro "A arte de Fazer um Jornal Diário", Ricardo Noblat (2003), explica que o jornal (o autor aborda o jornal impresso, mas a ética e o preceitos jornalísticos não mudam independente do veículo de comunicação), deve ser primeiramente um serviço público e não um negócio.

“Mais que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento. Porque é o entendimento que deriva o poder, E em uma democracia, o poder é dos cidadãos” (NOBLAT, 2003, p.22). Ele ressalta ainda que o jornalismo e os meios de comunicação devem estar ainda mais atentos aos deveres do jornalista, deveres que foram citados no capítulo anterior, diante da propagação dos conglomerados de mídias no mundo, geralmente controlados por grandes corporações. Ele afirma ainda que:

Jornalismo nada tem a ver com essas corporações. Elas reconhecem o impacto poderoso da mídia no processo político. Sabem quanto a mídia ajuda a formar opinião sobre assuntos públicos e querem por meio dela influenciar governos, ampliar seus negócios e lucrar mais. É só isso. E isso é muito perigoso. A concentração de veículos de comunicação nas mãos de poucos donos conspira contra o jornalismo de qualidade e é uma séria ameaça ao pluralismo de opinião (NOBLAT, 2003, p.22).

Vemos que a defesa de Ricardo Noblat não está distante do que os outros teóricos apontados aqui que definem a democratização da comunicação, para que ela seja espaço de troca, diálogo e o povo deve ser o protagonista dessa comunicação.

Partindo dessa concepção que democratizar a comunicação é dar espaço para que o povo possa fazer uso do espaço midiático e que isso se baseie em uma comunicação dialógica e não unilateral é que passamos a analisar os programas da RNA para compreender se e de que forma tornam a comunicação na região amazônica mais democrática.

Para essa análise foram escolhidos os programas Jornal Amazônia é Notícia, o programa Caminhos da Amazônia e o Programa Ação Sinergia Popular. Serão analisadas seis edições de cada um deles, sendo os primeiros veiculados a partir do mês de julho e os últimos referentes ao mês de dezembro. A opção foi escolher o primeiro programa veiculado em cada mês, para cobrir um espaço de tempo maior.

3.1 JORNAL AMAZÔNIA É NOTÍCIA

O Jornal Amazônia é Notícia (JAN) foi o primeiro produto produzido pela Rede de Notícias da Amazônia, entrando no ar em 19 de maio de 2008, com participação de jornalistas de Manaus, Parintins e Coari (AM), Boa Vista (RR) e Santarém (PA). Inicialmente, o programa tinha duração de 15 minutos e em 2009, com um maior número de associadas, aumentou sua duração para 30 minutos (SANTOS, 2019).

O noticiário radiofônico constitui-se no momento da programação em que de modo conciso, mas com certo grau de aprofundamento, são apresentados materiais jornalísticos – comentários, notas, quadros fixos, reportagens... – sobre os principais acontecimentos, opiniões e serviços de interesse do ouvinte referentes a determinado período de tempo. Os principais tipos são a síntese noticiosa e o radiojornal (FERRARETTO, 2014, p.139).

O JAN é um radiojornal e possui todas as características como a participação de repórteres e, possui um editorial, notas, reportagens, entrevistas etc. A elaboração do JAN é responsabilidade da cabeça de rede. As emissoras associadas devem enviar diariamente, uma notícia de relevância que foi realizada para compor o jornal. Segundo Santos (2019), as emissoras nem sempre enviam o material e a equipe da cabeça de rede precisa desenvolver matérias para poder suprir o tempo do jornal. Quando a equipe de comunicação recebe as notícias, eles editam caso necessário, elaboram e gravam as cabeças de cada notícias e editam em formato jornalístico.

Eu sempre digo pra equipe que a gente tem que falar da forma que que nós falamos né, todos os dias, não inventar uma voz, não criar um personagem que eu não sou, mas a gente falar naturalmente pra, pra identificar os lugares de onde nós somos. Por exemplo quem ouve, eu gosto muito de citar a Eanes né, quem ouve a Eanes, já identifica que a Eanes é do Maranhão né. A própria Idayane também, que é lá da Justiça Nos Trilhos, quando envia material a gente já consegue perceber também que ela é do Maranhão. Sempre quando a gente ouve alguém de Cruzeiro do Sul né, já é um sotaque totalmente diferente e [...] a beleza dentro da comunicação é essa pluralidade de vozes que a gente consegue ouvir e identificar quais são (SANTOS, 2019).

Essas e outras orientações são disponibilizadas para cada comunicador que elaborará material para o JAN no Manual de Produção da Rede de Notícias da Amazônia que traz a história da associação, objetivos, missão e valores, bem como orientações sobre a linguagem radiofônica, gêneros da comunicação e formato dos programas.

Depois de editado o jornal é enviado via internet para as associadas que os reproduzem em sua programação, inicialmente essa reprodução era realizada ao mesmo tempo em todas as associadas, mas com a ampliação do número de emissoras no quadro associativo e os diferentes fusos horários, não foi mais possível essa unidade com relação ao horário (SANTOS, 2019). O JAN também é disponibilizado nos sites das parceiras e no site da RNA na aba Multímidia/Podcast, possibilitando que qualquer pessoa o acesse de maneira gratuita.

O jornal é composto por três blocos, sendo o primeiro tem-se a vinheta de abertura, manchetes do dia e reportagens, duas a três dependendo da duração. O segundo bloco pode apresentar duas a três matérias e o terceiro bloco contém geralmente duas matérias e o editorial, gravado pelos representantes das emissoras associadas e tratam temas que estão sendo discutidos local, nacional ou mundialmente. Após o editorial a apresentadora faz o encerramento com o número da edição do jornal e a apresenta a ficha técnica do programa.

A vinheta de abertura, usada para iniciar todos os programas do JAN faz referência ao objetivo do programa: “No ar! Jornal Amazônia é Notícia! Cultura, meio ambiente, política, economia. O que acontece na Amazônia você fica sabendo no Amazônia é Notícia. O Jornal com o ponto de vista amazonida!” (vinheta de abertura do JAN).

Edição Data	Duração	Número de matérias	Editorias	Emissoras Cidade/UF
3.258 05/07/2021 Segunda-feira	00:25:16	- 7 reportagens - 1 Nota - Editorial	Saúde	Rádio Educadora de São Luís/MA
			Segurança	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Segurança	Rádio Monte Roraima Boa Vista/RR
			Meio ambiente	Nota

			Educação	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Educação	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
			Religião	Rádio Caiari de Porto Velho/RO
			Associadas	Rádio Fundação Educadora de Comunicação-Bragança/PA
			Editorial	Cabeça de Rede Santarém/PA
3.278 02/08/2021 Segunda-feira	00:32:48	- 9 reportagens - 1 Editorial	Educação	Rádio Educadora de São Luís /MA
			Saúde	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Segurança	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Meio Ambiente	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Trânsito	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Trânsito	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
			Turismo	Rádio Fundação Educadora de Comunicação-Bragança/PA
			Religião	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Religião	Rádio Monte Roraima Boa Vista/RR
			Editorial	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
3.300 01/09/2021 Quarta-feira	00:27:26	- 6 reportagens - 1 Série - Editorial	Economia	Rádio Educadora de São Luís/MA
			Trânsito	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Justiça	Rádio Caiari de Porto Velho/RO
			Agropecuária	Rádio Monte Roraima Boa Vista/RR
			Saúde	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
			Semana da Pátria/Saúde	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Série Sinergia Popular	Todas às quartas-feiras. Produzida pela Cabeça de Rede

			Editorial	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
3.321 01/10/2021 Sexta-feira	00:25:54	8 reportagens	Economia	Rádio Caiari de Porto Velho/RO
			Justiça	Rádio Monte Roraima Boa Vista/RR
			Ação Social	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Agropecuária	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Agropecuária	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
			Meio Ambiente	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Meio Ambiente	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Religião/Associada	Rádio Alvorada de Parintins/AM
			3.340 01/11/2021 Segunda-feira	00:25:39
Segurança Indígena	Conselho Indigenista Missionário - CIMI			
Meio Ambiente	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM			
Meio Ambiente	Cabeça de Rede Santarém/PA			
Meio Ambiente	Cabeça de Rede Santarém/PA			
Religião	Rádio Caiari de Porto Velho/RO			
Editorial	Rádio Monte Roraima Boa Vista/RR			
3.361 01/12/2021 Quarta-feira	00:20:32	- 7 reportagens - 1 Nota	Justiça	Rádio Monte Roraima Boa Vista/RR
			Justiça	Conselho Indigenista Missionário - CIMI
			Saúde	Rádio Castanho FM Careiro Castanho/AM
			Saneamento Básico	Rádio Rio Mar FM de Manaus/AM
			Saúde	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Meio Ambiente	Cabeça de Rede Santarém/PA
			Justiça	Nota
			Meio Ambiente	Cabeça de Rede Santarém/PA

Tabela 02: Análise do Programa Jornal Amazônia é Notícia. Informações obtidas dos programas disponibilizados no site da Rede do Notícias da Amazônia.

Ao observar o quadro acima, é perceptível que a participação das emissoras se repete, apesar de serem 20 associadas que podem enviar matérias diariamente para a divulgação no JAN, apenas um pequeno grupo mantém o fluxo de material. Mesmo com a pequena participação, é perceptível que o objetivo de ecoar as vozes das diferentes regiões amazônicas está sendo cumprida, pois emissoras do Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Maranhão e Pará enviam conteúdos constantemente.

Fica explícito que apesar de ser um espaço aberto e disponível para a disseminação da cultura através da comunicação radiofônica em rede, ainda há pouco engajamento de algumas emissoras associadas. Isso mostra que apesar de estar desenvolvendo um trabalho de comunicação em rede desde o ano de 2008 e realizar formações constantes para seus associados, a RNA ainda tem um longo caminho a trilhar para ter um engajamento efetivo e uma participação massiva.

Sobre as editorias, que são os temas gerais de cada matéria, não há um padrão e não há hierarquia entre eles. Ferraretto (2014) orienta que o rádiojornalismo utilize as técnicas da Pirâmide Invertida¹⁴, colocando as notícias mais importantes primeiro e de menor relevância por último. As editorias observadas nesses dias foram: Saúde, segurança, justiça, Saneamento Básico, Educação, Meio Ambiente, Religião, Agropecuária, Ação Social, Trânsito e Economia. Vale ressaltar que as matérias trazem informações de cada cidade que a elaborou, por exemplo, um Encontro de Mulheres Motociclistas realizado em Careiro Castanho/ AM e que reivindicava mais segurança no trânsito bem como estradas conservadas.

O que se constata a partir deste quadro informativo sobre os programas é que as matérias são realizadas para veiculação no jornal local e são transmitidas também pelo JAN, pois apresentam informações sobre a cidade e entrevistados locais falando sobre o tema daquele espaço. Escolher matérias de

¹⁴ A Técnica da Pirâmide invertida é utilizada muito em textos jornalísticos onde se insere as informações mais importantes no primeiro parágrafo, buscando sempre responder as perguntas: Quando? Como? Onde? Quem? O quê? Por quê?

relevância pra outros cidades e estados, mesmo pertencendo a Amazônia Legal pode ser um desafio que acredito que o JAN consegue superar.

Ao analisar o quadro de matérias percebemos um grande número produzida e veiculada a partir da Cabeça de Rede Santarém/PA. Foram veiculadas 43 reportagens nesses seis dias analisados, sendo que destas 12 foram produzidas pela equipe de comunicadores coordenam e elaboram o jornal. Confirmando que quando necessário para completar o tempo de edição, às vezes é necessário gravar notas e talvez até solicitar materiais extras para quem está mais próximo.

Destaca-se ainda que os entrevistados das matérias produzidas nas emissoras associadas, geralmente, são pessoas que estão envolvidos com o tema e detém certa autoridade sobre o assunto, não sendo necessariamente pessoas afetadas por eles. As reportagens que possuem mais essa característica de trazer os atores sociais são as que estão conectadas pela editoria Meio Ambiente.

Importante destacar ainda que o JAN, não é um espaço para dar voz às populações, mas como destaca Santos (2019), de fomentar “espaços que possibilitem que essas vozes sejam amplificadas”. No momento em que RNA oportuniza espaço para que as emissoras enviem suas matérias ela está oportunizando a participação cidadã e muito mais que democratizar a comunicação está pautando as informações e mostrando que há muita produção midiática além das grandes redes.

Produzir uma informação pautada na vivência das comunidades é essencial para que se mude o discurso e se estabeleça uma transformação da realidade.

O desafio de produzir informação de qualidade sobre a Amazônia é central para a defesa de nosso território. Interesses os mais diversos buscam, nos grandes conglomerados de informação, nacionais e internacionais, pautar o país e descrever uma Amazônia sem gente, sem conflitos e sem resistência. Buscam transformar a região num enorme armazém onde poderão explorar madeira, minerais, biodiversidade, ter acesso a terras baratas de forma ilegal através de grilagem e destruir todo o patrimônio que o planeta, com a preservação assegurada pelos povos indígenas e tradicionais conseguiram manter até os dias de hoje. (LIMA in SANTOS, p. 07, 2019)

A importância do trabalho realizado pela RNA não está em discussão, mas sua contribuição é algo que abre portas para novos projetos e dá visibilidade a iniciativas locais. As pessoas recebem diariamente notícias de diversas partes do mundo em diversos formatos. Acessar a internet é algo natural para a maioria das pessoas, mas o alcance da RNA é um diferencial, pois permite que os ouvintes dos locais mais remotos tenham acesso ao que acontece na sua cidade e no estado vizinho.

Há uma clara conexão de vozes e sotaques que permitem a identificação e uma aproximação, fortalecendo o vínculo pessoal com a programação. Isso acontece, pois, os acontecimentos são únicos, a forma de retratá-los e de recepcioná-los são únicos e carregam as interpretações do comunicador e do ouvinte. A estrutura cultural é um reservatório de informações que permitem comparar acontecimentos e dar a eles um sentido, e no qual a sociedade busca comparativos de ideologia cultural ou histórica (WURMAN, 1991).

O Rádio, tanto nas metrópoles como nas cidades do interior, tem um status de companheiro de companheiro de seus ouvintes, aquele que se faz presentes em momentos específicos do dia a dia e não raro os comunicadores falam diretamente para os ouvintes (FERRARETTO, p.26, 2014). Esse aspecto faz com que o rádio seja não apenas um transmissor de informação, mas também um disseminador de culturas.

Ao contrapor os discursos das grandes redes de comunicação, a RNA com o JAN apresentou nesses programas em destaque notícias sobre pesquisa científica, campanhas para prevenção da saúde, produção literária indígena, preocupação com espaços de pesca e preservação do meio ambiente, mostrando que há muito mais na Amazônia do que pregam os principais jornais do país.

Ações como essa não irão mudar a visão estereotipada forjada ao longo da história brasileira como apresentou Oliveira (2016), mas servem para enaltecer as diferenças entre as regiões amazônicas, demonstrando que cada estado possui suas particularidades, porém não sendo nenhum mais importante que outro no grande arcabouço amazônico.

3.2 PROGRAMA EDUCATIVO CAMINHOS DA AMAZÔNIA

O Programa Caminhos da Amazônia é um programa em formato de rádio revista e é classificado como sendo do gênero educativo, sendo elaborado, semanalmente elaborado e veiculado todos os sábados. Durante o ano de 2020 ele deixou de ser produzido por um curto período devido as dificuldades de as emissoras associadas enviarem suas contribuições por conta da Pandemia do Covid 19, tendo sido retomado no ano seguinte (2021).

A princípio seria elaborado da mesma forma que os JAN, ou seja, as produções seriam realizadas pelas emissoras associadas e editadas na cabeça de rede para então serem distribuídas para todas as associadas e parceiras, bem como disponibilizado na internet para Dowland. Porém com a dificuldade das emissoras realizarem essa produção a cabeça de rede assumiu a tarefa e semanalmente disponibiliza o programa pronto para as associadas. Neste programa o objetivo vai muito além de fazer denúncias sobre agressões ao meio ambiente, nele procura-se mostrar caminhos sustentáveis, ações que permitem o desenvolvimento e ao mesmo tempo protegem o meio ambiente.

O Caminhos da Amazônia tem como característica a musicalidade amazônica, pois a trilha sonora que embala as informações é de compositores e cantores da região, o que visibiliza as produções locais. Ao ouvir aos programas é possível identificar os diversos ritmos, que são originários de cada estado, por exemplo o carimbó, a toada e as cirandas, essas músicas dão o tom ao conteúdo transmitido.

Então eu sempre digo assim: o texto ele precisa conversar com a música e se eu não consigo encontrar uma música que conversa com texto eu demoro muito na produção do programa porque pra mim ele tem que ser as duas coisas juntas né. Eles (a equipe de trabalho) dizem assim: a gente já sabe quando é teu estilo de programa, sempre vai começar com a música regional, uma música mais para cima, contando uma história, uma coisa e isso eu sinto que que as pessoas recebem bem né (SANTOS, 2019).

Para compreender melhor como se daria a comunicação democrática a partir do Caminhos da Amazônia, também foram analisados seis programas, todos veiculados na segunda metade do ano de 2021, ou seja, a partir de julho,

sendo escolhido o primeiro de cada mês. Lembrando que este programa pertence ao gênero educativo e possui uma estrutura totalmente diferente do anterior que pertence ao gênero jornalístico.

A vinheta de abertura do Caminho da Amazônia apresenta o programa:

A partir de agora a Rede de Notícias apresenta Caminhos da Amazônia juntos vamos percorrer os caminhos da nossa região e descobrir como garantir a sobrevivência do meio ambiente e de nossos povos. Programa Caminhos da Amazônia, agora, na Rede de Notícias da Amazônia. (Vinheta de abertura do Programa Caminhos da Amazônia).

O programa faz jus ao gênero que se propõe que é o educativo. Com duração de mais de 30 minutos, embalados por músicas que casam com os temas, discute assuntos que afetam a vida e a casa comum dos povos amazonidas. Com produção e edição de Joelma Viana, o banzeiro da canoa leva as pessoas a ouvirem, prendendo a atenção durante todo o programa. As rádios novelas também são muito interessantes já que aparentemente reproduzem cenas do cotidiano que tem ligação com a discussão do dia, por exemplo quanto se falou em escalpelamento das vítimas de motores de barcos, reproduziram um diálogo em que isso acontecia.

Data	Duração	Tema	Participações
03/07/2021	00:30:47	Mineração	Enquete nas ruas com a população
			Entrevista com moradora der área afetada pela mineração.
			Morador de Parauapebas (PA) onde está ocorrendo implementação de uma área de mineração da Vale
			Entrevista Ambiental: Entrevista com representante do Movimento Pela Soberania Popular da Mineração (MAM) no Estado do Pará.

07/08/2021	00:30:06	Escalpelamento por motor de barco	Radio Novela, produzida pela Rádio Margarida.
			Entrevista Ambiental: Entrevista com Procuradora do Ministério do Trabalho.
			Entrevista com Capitão da Marinha sobre medidas de segurança
			Entrevista com representante do Espaço Acolher – Belém (PA) que apoia vítimas de escalpelamento.
04/09/2021	00:28:24	Soberania Popular	Enquete nas ruas com a população sobre o Tema Soberania Popular.
			Entrevista Ambiental: Professora de Direito e Integrante das Comissões de Direitos Humanos e de Meio Ambiente da OAB Subseção de Santarém (PA).
			Entrevista com integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST – PA).
			Entrevista com Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM – PA)
			Entrevista com Alberto Almeida
02/10/2021	00:31:11	Comitê de Bacias	Integrante de Comitê de Bacias Hidrográficas do Triângulo Mineiro.
			Entrevista Biólogo e Coordenador do Comitê de em Defesa do Igarapé Urumari -Santarém (PA).
			Entrevista com a Bióloga e Participante do Fórum Nacional da Sociedade Civil dos Comitês de

			Bacias Hidrográficas (FONASC – CBH)
			Entrevista com representante do Grande Comitê do Rio Paraguai de Cárceres (MT).
			Rádio Novela
06/11/2021	00:30:15	Construção de Portos Graneleiros: Desenvolvimento para quem?	Enquete nas ruas sobre o tema Portos Fluviais
			Entrevista Ambiental: Especialista em construção, produção e expansão de portos do agronegócio na Amazônia e pesquisador da Universidade Federal do Pará (UFPA)
			Entrevista com Cacique da Aldeia indígena Ipaupixuna e Coordenador do Conselho Munduruku do Planalto
			Entrevista com representante da Coordenação Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragem COMAB – (RO)
			Radionovela
04/12/2021	00:31:14	Povos Ribeirinhos	Entrevista Ambiental: Assessora Jurídica da Organização Terra de Direitos
			Entrevista com Moradora da Comunidade Rio Novo – Reserva Extrativista do Rio Iriri – Altamira (PA).
			Entrevista com Presidente da Associação de Moradores e Pescadores da Comunidade do Pimental – Trairão (PA)
			Entrevista com representante da Comissão de

			Conservação de Lagos e Rios de Monte Alegre (PA).
			Radionovela

Tabela 03: Análise do Programa educativo Caminhos da Amazônia. Informações obtidas dos programas disponibilizados no site da Rede do Notícias da Amazônia.

Acredito que este seja o programa com maior participação dos lutadores sociais, pois além de discutir o tema proposto considera que as pessoas que são afetadas por ele tenham autoridade para falar sobre isso. Por exemplo, no programa veiculado no dia 04 de setembro de 2021, falou-se sobre soberania, os primeiros a serem ouvidos, foram as pessoas nas ruas através de uma enquete.

Da mesma forma o programa que apresentou o tema Mineração, aliado aos pesquisadores que estudam os impactos ambientais e sociais da ação das mineradoras no povo ribeirinho, a produção do programa trouxe a voz daquele que sofre diretamente os impactos dessa ação, moradores ribeirinhos, pescadores e mães com seus filhos doentes, validando assim o espaço de uma comunicação democrática que se propõe a desenvolver.

Durante a entrevista, Santos (2019) destacou outros quadros além da “Enquete” e da “Rádio Novela” que fazem parte do Caminhos da Amazônia e puderam ser observados nos programas que foram selecionados. Os outros quadros são o “Como que faz”, onde as pessoas ensinam algo que sabem fazer explicando o passo a passo e a “Entrevista com o Especialista”, como o nome já diz é uma entrevista, mas este especialista não é necessariamente alguém formado na universidade ou estudioso da área, o especialista pode ser reconhecido aqui como alguém que domina determinado assunto, mesmo sem ter estudado para isso.

Então é um quadro que a gente tem que é o “Como se faz” que são as próprias pessoas contando como é que elas, que elas fazem alguma coisa a partir de daquilo que as pessoas acham que não serve pra nada, que é descartável. A gente tem um quadro dentro do programa que chama “Como se faz”, que a ideia é a gente fazer entrevistas, e a gente já fez isso com uma senhora que trabalhava com garrafa, ela juntava o que o povo joga na rua [...], ela juntava tudo aquilo e quando ela chegava em casa ela lavava tudo, botava pra secar e depois ela produzia

artesanato né, e aí ela tava ensinando a produzir um cálice a partir de uma garrafa pet, e ela foi contando a história e como é que faz. Outra vez que foi uma senhora que contou como é que ela e reaproveitava o material tipo resto de comida, resto de folha e como é que ela produzia adubo orgânico né. (SANTOS, 2019)

Além do como se faz, Santos também explica que outro quadro que traz os ouvintes para dentro do programa para que passem sua experiência é o quadro “Entrevista com o Especialista”.

Uma vez foi, alguém até disse assim pra mim: Como é que tu vai entrevistar uma criança para ser dentro do quadro do especialista? A gente tava fazendo programa sobre cuidado com a água e aí era uma criança que participa de um projeto que tem aqui em Santarém chamado Escola D'água e aí ela contando como é que ela cuidava da água na escola e na comunidade dela e em casa né, então a gente colocou ela como a especialista do programa naquele dia. [...] A gente já entrevistou os catadores de materiais recicláveis, também como especialistas, como é que eles reutilizam material, como é que eles fazem, o qual a importância disso na vida deles. Então não é quando a gente coloca especialista não é só o professor da universidade ou alguém que, digamos o secretário e tal, mas alguém que consegue trabalhar com aquilo e fazer o diferente, sendo especialista na sua área né.

Além desses, a entrevistada ainda cita o “Dicas do Meio Ambiente” em que são dadas dicas pequenas, mas que podem ter impacto na vida das pessoas. “Então são dicas simples tipo se [...] utilizar apenas o necessário né, então a gente acabou dando dica de aproveitar o outro lado da folha de papel, sair da sala apagar a luz, não ficar muito tempo com geladeira aberta (santos, 2019).”

O programa trata de diversos assuntos, porém tende a tratar de temas relacionados ao meio ambiente. Dos seis programas analisados, quatro temáticas (Mineração, Comitê de Bacias, Corredor de Exportação e Povos Ribeirinhos) tinham conexão direta com o cuidado com o meio em que habitamos, e isso foi percebido também em outros momentos, tanto que virou motivo de comentários entre os comunicadores da Rede.

É, a Idayane até brinca, nós somos o pontinho verde dentro da Radio Rural, [...] e geralmente a visão que as pessoas têm da gente é disso né, de que a gente é... nós somos os

comunicadores do contra. Que a gente tá contra o progresso, contra o desenvolvimento, contra, contra os governos né, então a gente é o do contra, digamos, pros outros, até pros outros colegas da imprensa nós somos a equipe do contra. Para os movimentos sociais nós somos a porta que eles têm pra, digamos, ter espaço pra falar de suas lutas, pra fazer suas denúncias, pra fazer suas reivindicações né, e é uma porta que, digamos, eles podem entrar e é como se fosse, uma porta de uma casa que que não tem dono, é uma casa que pertence a todos. Então eles podem chegar, produzir, e as vezes eles fazem isso né. Então eu vejo que, pros movimentos a gente acaba sendo a porta, esse canal onde eles têm espaço pra falar, pra divulgar suas ações e fazer com que chegue mais longe e, digamos, pros colegas da imprensa, pros empresários, nós somos a equipe do contra. (risada).

O Caminhos da Amazônia é um programa que remete a casa, tanto que A apresentadora e produtora do programa Joelma Viana, enaltece sempre que o programa evidencia o “nosso lugar comum”, ou seja, o espaço em que estamos inseridos e que dividimos, por isso devemos cuidar desse lugar único. A música, a teatralidade de vez ou outra são perceptíveis no programa, a rádio novela que concede um ar de representação, não o caracterizam apenas como uma revista radiofônica, mas também faz com que o ouvinte se sinta próximo, íntimo, o que acontece com programas de entretenimento. Logo, o programa além de ser classificado com educativo, também poderia ser facilmente atrelado ao entretenimento.

3.3 PODCASTS E OUTRAS PRODUÇÕES

Além desses de dois programas fixos, a RNA, também desenvolve podcasts e séries de reportagens ligados a temas em evidência ou abordados em campanhas da Igreja Católica e de entidades com quem possui alguma conexão. Entre essas atividades podemos citar: o podcast “Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral” (Caravana Formativa); o programa Amazoniza-te; Programa Energia e Comunidades (que discute a energia sustentável); Programa Ação Sinergia Popular (discute a moradia como um direito de todos); a 6ª Semana Social Brasileira (Campanha realizada pela

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); o Podcast Caminhos da COP: O que está em Jogo? (Abordou a Conferência da ONU sobre Mudança Climática, COP26) e o Podcast Queimadas Controladas na Amazônia.

Vamos analisar aqui o programa Ação Sinergia Popular que discute a moradia como um direito de todos.

Serão analisados, como nos anteriores, os seis podcasts dessa temática. Ao realizar a busca, encontramos ao todo 15 podcasts disponíveis para Dowland no site da RNA. Foram escolhidos seis programas em consonância com os programas anteriores, a diferença é que este programa por ser uma série radiofônica, não havia uma constância na sua produção, então, opta-se pelos seis primeiros episódios.

A vinheta de abertura introduz o tema: “Sinergia Popular, Moradia é direito, despejo não!”. Este programa foi produzido em parceria com a Rede Jubileu Sul e sua realização foi motivada pelo aumento de pessoas despejadas de suas casas e precisando ir morar na rua. A realização do Podcast foi possível devido ao apoio de vindo da Alemanha. Serão trabalhados temas das cidades de Manaus (AM), Fortaleza (CE) e Rio de Janeiro (RJ), cidades brasileiras que possuem alto índice de despejo.

O Objetivo deste projeto, segundo Sandra Quintela (2021), articuladora Nacional da Rede Jubileu Sul Brasil explica que a pandemia fez aumentar a população de rua, que justamente durante o período que deveriam ficar em isolamento social perderam sua moradia, sem contar as pessoas que viviam em situação de rua. A ação foi possível devido a um apoio externo, oriundo da Alemanha, que possibilita que além de campanhas midiáticas também se realizem ações *in loco*. Para receber essas ações foram escolhidas Manaus, a cidade onde tem mais despejo no Brasil, Fortaleza onde o Jubileu tem uma atuação mais orgânica, e o Rio de Janeiro onde a CMP, a Central de Movimentos Populares atua.

O grande objetivo do Sinergia Popular é fortalecer o protagonismo das mulheres nessas áreas de ocupação, são elas as que tocam o dia a dia das ocupações, dos grupos de economia solidária, das comunidades, das comunidades Eclesiais de Base, enfim do trabalho de solidariedade da mulher, então sempre por ali, mas muitas vezes silenciada sem ganhar o destaque que ela merece, esse trabalho que é muito

invisibilizado. Do mesmo jeito que o trabalho doméstico é invisibilizado assim também as mulheres nos movimentos populares, muitas vezes são as lideranças de fato, mas muitas vezes não são as lideranças de direito. Então a gente quer fortalecer esse protagonismo das mulheres, fortalecer o processo de entendimento de formação para entende a realidade que a gente tá vivendo e principalmente construir em cada uma das dez comunidades uma espécie de planejamento de demandas e de realização daquilo que cada comunidade sonha e deseja realizar (QUINTELA, 2021).

Ao decupar os programas percebemos que apesar ter uma curta duração com relação aos demais programas da Rede, o Podcast aborda assuntos de relevância e sempre traz alguém que esteja vivenciando a situação exposta ou alguém que tenha propriedade para falar sobre. Na tabela a seguir é possível compreender um pouco mais sobre os programas.

Data	Duração	Tema	Participações
14/07/2021	00:08:13	Direito à Moradia	Sandra Quintela - Articuladora Nacional da Rede Jubileu Sul
			Raquel Ludemir - Arquiteta Urbanista, mestra e doutora em Desenvolvimento Urbano
14/07/2021	00:06:56	Horto Florestal do Rio de Janeiro	Depoimento de moradora da Comunidade do Horto Florestal do Rio de Janeiro (RJ) sobre o tempo de residência no local
			Depoimento de moradora da Comunidade do Horto Florestal do Rio de Janeiro (RJ) sobre a história da formação da comunidade.
			Depoimento de moradora da Comunidade do Horto Florestal do Rio de Janeiro (RJ) sobre o direito adquirido dos imóveis.
			Depoimento de moradora da Comunidade do Horto Florestal do Rio de Janeiro (RJ) sobre infraestrutura de rede de energia, água e esgoto do local.
			Entrevista com Marília de Souza assessora jurídica do Projeto Sinergia.
04/08/2021	00:06:03	Violência contra mulher –	Entrevista com Cristiane Sales – Representante União

		Despejos realizados em Manaus	Nacional por moradia Popular de Manaus (AM) Entrevista com moradora da comunidade Coliseu II - Manaus (AM) Entrevista com moradora da ocupação Alci Matos – Manaus (PA)
13/08/2021	00:06:15	Violência Patrimonial e Institucional contra a Mulher	Entrevista com Magnolia Said, advogada agrarista especialista em Saúde, Trabalho e Meio Ambiente para o desenvolvimento Sustentável e Coordenadora de Projetos do Centro de Pesquisa e Assessoria - Fortaleza (CE) Entrevista Cristiane Malungo, com integrante do Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (RJ). Raquel Ludemir - Arquiteta Urbanista, mestra e doutora em Desenvolvimento Urbano Narração de história de vida de Tereza, realizada por Cristiane Sales representante da União Nacional de Moradia Popular em Manaus (AM).
20/08/2021	00:05:56	Projeto Quilombo da Gamboa	Entrevista com Aparecida Mercês representante da União de Moradores de Moradia Popular. Entrevista com Alana Ribeiro moradora do Projeto Quilombo da Gamboa
27/08/2021	00:07:29	Moradia Soberania Alimentar e	Entrevista com Aline Guima, psicóloga e coordenadora do Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS). Entrevista com a pesquisadora Maria Emília Pacheco

Tabela 04: Análise do Podcast Sinergia Popular, Moradia é direito, despejo não!. Informações obtidas dos programas disponibilizados no site da Rede do Notícias da Amazônia.

No site da RNA constam 15 episódios das séries, que foram veiculados todas às quartas-feiras no Jornal Amazônia é Notícia. Iniciativas como essa

permitem que as pessoas que estão vivenciando essa dor do despejo, da falta de moradia, da violência contra a mulher ou mesmo de uma moradia sem qualidade, seja evidenciada.

Sabemos que muitas vezes o poder público fecha os olhos, e trazer para emissoras de rádio a voz daquelas pessoas que diariamente sofrem por uma necessidade básica que consta como direito na Constituição Federal é ampliar é ocupar espaços além da rua, além da invisibilidade.

Neste programa especificamente, por se tratar de uma parceria com outras instituições, as vozes amazônicas pouco aparecem, pois o foco estão nos estados do Rio de Janeiro, do Ceará e do Amazonas, e apenas o último está dentro da atuação da RNA, Porém é necessário destacar que isso não invisibiliza o objetivo da RNA de evidenciar os lutadores sociais das áreas de atuação do Programa Sinergia Popular.

3.4 DESAFIOS DA RNA

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (Paulo Coelho)

Santos pontua durante sua entrevista que existem desafios nessa caminhada, mas que eles não impedem o crescimento e desenvolvimento da RNA.

Desafios a gente tem vários, se a gente for olhar região amazônica a gente vai encontrar primeiro desafio: distâncias né. Nós estamos em pontos extremos né, a gente tá em Santarém mas chegar até Cruzeiro do Sul é uma longa viagem, chegar até Guajará-Mirim é uma viagem cansativa né, [...] chegar a Balsas então que tá no outro extremo é mais complicado ainda.

Além da distância SANTOS (2021) pondera que uma outra dificuldade também atrelada a ela é a questão da mobilidade, pois o transporte para regiões afastada é lento e caro. Muitas vezes a única opção é o barco ou a lancha. Ela

cita como exemplo a cidade de Tefé, que precisavam ir dar uma formação mas o avião pousava em dias específicos da semana e ela teria que ficar lá mais que tempo necessário para a formação. As outras opções seriam 12 horas de lancha ou 24 horas de barco.

Outra dificuldade apontada pela comunicadora é como os diretores das emissoras associadas compreendem o trabalho RNA, eles ainda acreditam que estão colaborando com a RNA e não se veem como parte integrante necessária ao funcionamento da Associação.

E o trabalho em rede não é contribuição, é o estar junto e produzir junto né, os conteúdos. Então eu percebo que alguns diretores ainda tem esse pensamento né, claro que a gente vem trabalhando durante [...] vários anos e alguns a gente já consegue perceber que mudaram a mentalidade a partir dessas discussões que a gente vem fazendo né, mas outros ainda tem essa mentalidade de que eu não sou é, digamos, eu não faço parte da diretoria, eu não faço parte do conselho, então eu sou colaborador né, e acaba que não é colaborador. Até ano passado no encontro dos diretores foi uma discussão que a gente fez e eu, [...] eu até utilizei uma passagem bíblica que fala que a gente é um corpo formado por vários membros né, então vejo sempre a Rede dentro desse processo que tá existe uma cabeça, mas uma cabeça ela não funciona sozinho, ela preciso dos braços, ela precisa das pernas, ela precisa do resto do corpo porque senão ela não vai funcionar né, ela só, ela só vai pensar, ela só vai imaginar, mas quem é que vai executar?

Santos (2019) explica que é necessário seguir juntos, trabalhando em comunidade e união. Outro desafio apontado por ela são as equipes pequenas, em muitas rádios é apenas uma pessoa para fazer a produção. Com essas equipes reduzidas eles precisam dar conta das atividades da emissora e ainda produzirem materiais externos para a RNA. Muitas das emissoras, tem recursos financeiros escassos e por isso não conseguem contratar um número maior de funcionários para delegar mais funções.

Santos destaque que ela deseja que a RNA não precise mais depender de projetos, mas que consiga “caminhar com as próprias pernas”,

Mas eu digo que se a gente só vai conseguir isso a partir do momento que a gente consolidar de fato o nosso jornal e o nosso programa Caminhos da Amazônia no sentido assim, da ideia inicial pensada e o Caminhos da Amazônia produzido por todas as emissoras e o jornal com a colaboração de todos, de todos

que estão envolvidos dentro do processo. Então quando a gente consolida isso a gente consegue, digamos, fazer com que as empresas, as organizações possam apoiar financeiramente o material sem a gente precisar tá recorrendo a organizações externas pra tá financiando o nosso trabalho, pra tá fazendo com o nosso trabalho funcione. Então eu vejo que isso é, digamos, um outro passo que a gente enfrenta (SANTOS, 2021).

Apesar de contar com apoio das emissoras associadas e dos projetos desenvolvidos, fica claro que para a RNA alçar voos mais longos e mais altos é necessária encontrar uma forma que permita o desenvolvimento financeiro para realização de mais formações e novos projetos, pois em muitas emissoras associadas tem apenas uma pessoa para fazer a pauta, reportagem e produção da matéria que enviaria, e isso é um dos motivos pelos quais muitas vezes não enviam material para veiculação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre democratização da comunicação, partindo da história de vida e uma comunicadora profundamente ligada à defesa do direito de comunicar, foi um privilégio. Ao longo do texto, conceitos como de comunicação popular, comunicação comunitária, lugar de fala, e dialogicidade se entrelaçam à comunicação defendida pela RNA que busca ser um espaço popular de comunicação. Democratizar vai muito além de permitir que a comunicação chegue a todos, mas que ela esteja ao alcance de todos para que usem este espaço como um local de emancipação popular, política e cultural.

Lugar de Fala, defendido por Djamila Ribeiro (2019), é a oportunidade de fala para todos os que estejam envolvidos na equação e ninguém deve ser desprezado ou menosprezado, mas deve-se sim considerar que cada indivíduo possui um lugar de fala próprio, a partir de suas experiências e vivências.

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiados em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupo subalternizados (RIBEIRO, 2019, p.85).

Trazendo as observações de Djamila Ribeiro (2019) para o contexto estudado aqui, da Rede de Notícias como um espaço que fomenta a comunicação democrática e oportunize um lugar para comunicar entendemos que a RNA é um lugar onde os indivíduos podem exercer o seu lugar de fala, pois em sua programação, não são ouvidos apenas especialistas ou representantes das entidades legais mas também as pessoas diretamente afetadas pelos fatos.

Quando Joelma destaca que é preciso ir a campo, ouvir os participantes dos protestos, fazer uma “comunicação pé no chão”, ela está destacando justamente a necessidade de ouvir cada participante a partir do seu espaço, daquilo ele vivência para que destaque o que considera realmente importante.

A democratização da comunicação também não está distante do conceito de comunicação comunitária, que defende que segundo Sobral e Silva (2005, p. 136), “pode ser considerado uma luta constante para representar uma minoria”, porém este é desenvolvido em um ambiente específico, geralmente um bairro ou uma comunidade, mas que procura sempre dar voz aos anseios deste espaço, relatando os acontecimentos da comunidade para a comunidade. Já a RNA, tem uma visão Macro, que é percebida ao ganhar espaço nas emissoras associadas, que em sua maioria são comerciais, o conceito de comunitária não é suficiente para abarcar as dimensões que a associação conquistou ao longo dos anos.

Ao observar os programas, como por exemplo o Caminhos da Amazônia, que coloca em evidência pessoas das comunidades ribeirinhas e das associações de moradores, expondo suas preocupações e suas vitórias, a RNA além de praticar uma comunicação popular, segundo os preceitos de MARIO KAPLÚN (1985), o fazem com uma amplitude, que se torna um ambiente onde todos podem tem espaço para comunicar e essa voz ecoa para além da Amazônia Legal ao ser disponibilizada nas redes sociais e ser transmitida pela América Latina pelos parceiros da RNA.

Ao considerar o conhecimento de cada indivíduo como importante, como real e que deve ser ouvido por outras pessoas, mesclando com vozes de especialistas e representantes governamentais a RNA reconhece que seus atores sociais tem voz, como enfatizou Joelma no evento Pré-Transfronteiras realizado em 2020 pelo projeto Tecendo Redes Interculturais nas Amazônias quando afirmou que os lutadores sociais tem voz, o que é preciso é um espaço onde eles possam expressar essa voz, logo, compreende-se que o que eles sabem o que dizer e o que precisam é serem ouvidos.

Apesar do Programa Jornal Amazônia é Notícias, nas edições analisadas, não trazer a participação popular tão efetivamente, observa-se uma comunicação democrática com a percepção que a programação é elaborada a partir do envio de matérias pelas emissoras associadas. Logo, não é algo unilateral decido a partir da cabeça de rede, mas sim coletivamente. As pautas são elaboradas diariamente a partir de acontecimento locais (cidades onde as emissoras associadas estão inseridas), então em um mesmo dia temos assuntos

relacionados a infraestrutura, economia, saúde, educação, segurança, podendo as editorias serem repetidas.

Outro destaque está para os sotaques, conforme Joelma Viana destaca, que é uma orientação da própria RNA, para que seus locutores não forcem uma voz ou tentem disfarçar seus sotaques, pois isso é algo que marca a região e ajudará aos ouvintes identificarem que mesmo que tenham acabado de ouvir a notícia de um outro estado, e faz com que ao ouvirem a reportagem da emissora da sua cidade, se identifiquem como participantes daquele programa e se sintam representados pelos locutores locais.

A democratização da comunicação não é algo que está distante, e segundo Bordenave (1981) será possível se cada profissional, comunicador ou não, assumir o compromisso de fazê-la em todos os espaços que frequenta, tanto o pessoal quanto o profissional. A RNA busca realizar a democratização em seu espaço de atuação, oportunizando lugar de fala, envolvendo a comunidade e dando espaço para que todos reverberem sua voz, porém este deve ser um compromisso de todos, incluindo pesquisadores e professores de comunicação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogerio Henrique; SANTOS, Joelma Viana dos; SOUSA, Raimundo Valdomiro de. **AMAZÔNIA(S) EM REDE(S): Rádios da Amazônia protagonizam comunicação alternativa a partir da Rádio Rural de Santarém/PA.** In: Revista Observatório, Palmas, v. 4, n. 6, p. 898-926, out.-dez. 2018.

BARROS, Chalini Torquato Gonçalves de. **Dimensões da democratização da comunicação: uma contribuição para sua discussão teórico-conceitual aplicada às políticas de mídia.** In: Revista Comunicação Midiática, v.9, n.1, pp.197-214, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/204/205> . Acesso em 22 jan 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05.10.1988.** Brasília, 1988. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 01 fev 2022.

BRASIL. Lei Nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998. **Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.** Brasília, 1998. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9612.htm>. Acesso em 01 fev 2022.

CARVALHO, Alessandra Pinto de. SOUSA, Sueli Garcia de. **Rede de Notícias da Amazônia: rádios locais unindo-se em rede para democratizar a informação.** In SBPJOR – 10 Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10., 2012, Curitiba – PR. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJor/paper/view/2015>. Acesso em 22 jan 2022.

DUTRA, Manuel Sena. **A Natureza da Mídia na TV: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta.** São Paulo: Annablume, 2009.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **O “anjo exterminador” da antropologia e a contribuição de June Nash para a etnografia dialógica.** In: SOUZA, Antônio Carlos Batista de; JUSTAMAND, Michel; CRUZ, Tharcísio Santiago. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões* 27. Alexa Cultura: São Paulo, EDUA: Manaus, 2020, p. 68-84.

FONSECA, Jean-Claude Rodrigues da. **Pesquisa etnográfica com base na interação dialógica: possibilidades e desafios.** Revista Prática Docente (RPD), Instituto Federal de Mato Grosso -Campus Confresa, v. 5, n. 2, p. 1449-1458, mai/ago2020. Disponível em:

<http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/806/359>.
Acesso em: 23 jul 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 75 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

JOHANNES, Fabian. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis – R: Vozes, 2013

KAPLÚN, Mario. **El Comunicador Popular**. Quito: Editora Belen, 1985.

LIMA, Venício A. de. **Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire**. - 2 ed. rev. – Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2015.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4 ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, Unicamp, Vol. 39, Nº. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/TrabalhodoAntropologo.pdf. Acesso em: 07 jul 2021.

PEIXOTO, Fabrícia. **Linha do tempo: Entenda como ocorreu a ocupação da Amazônia**. BBC NEWS Brasil, Brasília, 22, julho de 2009. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/07/090722_amazonia_timeline_fbd#integrar>. Acesso em 21 out 2020.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Rede de Notícias da Amazônia -- com Pe. Edilberto Sena, presidente da RNA. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (3 minutos e 04 segundos). Publicado pelo Canal Rede Católica de Rádio. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wqcw1OFTanw>. Acesso em 22 dez 2021.

SANTOS, Joelma Viana dos. **Manual Rede de Notícias da Amazônia**. Santarém-PA: Rede de Notícias da Amazônia, 2019.

SANTOS, Joelma Viana dos. **Joelma Viana dos Santos: história de vida** [agosto, 2018]. Entrevistador: Guilherme Gitahy de Figueiredo: Universidade do Estado do Amazonas: UEA. Entrevista concedida para o Projeto Tecendo Redes Interculturais nas Amazônias.

SCHWAMBORN, Thomas. **Programa radiofônico “Avisos para o interior”: pede-se a quem ouvir este, retransmitir ao destinatário, pelo que muito agradece...** In: Reinvenções do rádio: tecnologia, educação e participação – FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de; COELHO, Leni Rodrigues; e SCHWAMBORN, Núbia Litaiff Moriz (org.). Reinvenções do rádio: tecnologia, educação e participação. Alexa Cultural: São Paulo, 2018.

SENA, Edilberto. Rede de Notícias da Amazônia -- com Pe. Edilberto Sena, presidente da RNA. Canal do Youtube: Rede Católica de Rádio. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wqcw1OFTanw>, acesso em 22 dez 2021.

SILVA, Antônia Costa Da. **Belo Monte: vozes que clamam, o jornalismo ambiental e a Rede de Notícias da Amazônia**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016.

SILVA, Antonia Costa da. **JORNALISMO AMBIENTAL NA REDE DE NOTÍCIAS DA AMAZÔNIA: estudo da cobertura jornalística sobre a Hidrelétrica de Belo Monte (2008-2013)**. Orientadora: Professora Doutora Christa Berger. 2015. Tese de Doutorado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós Graduação em Comunicação, São Leopoldo, RS, 2015.

SOBRAL, Rafael. SILVA, Marisol. **Jornalismo Comunitário**. In: 1000 Perguntas: Jornalismo. PENA, Felipe (org). Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005.

STERN, William. **Psicologia General, apud BOSI, ECLEA. Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. – 3ª Ed – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O que é a Amazônia Legal**. disponível em <<https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28783-o-que-e-a-amazonia-legal/>>. Acesso em 20 de out 2020.

_____. **IBGE Atualiza Mapa da Amazônia Legal**. Agência IBGE Notícias, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28089-ibge-atualiza-mapa-da-amazonia-legal>. Acesso em 07 ago 2021.